



Antônio Eusébio Teixeira Rocha

SAGA DE ANTÔNIO DA PIÇARRA - DE PADRE CÍCERO A LAMPIÃO -

Baseado em entrevista a
Antônio Eusébio Teixeira Rocha
e Antônio Teixeira Leite Filho



Fortaleza - Ceará
Abril de 2002

Copyright 2002 - Antônio Eusébio Teixeira Rocha

Todos os direitos reservados para o autor.

Revisão

*Carlos Demóstenes Fernandes
e Elizabeth Oliveira da Costa Lino*

Foto Capa

Antônio Eusébio Teixeira Rocha

Editoração

Falkner Silva

Impressão

INESP / QUALYGRAF

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Guilherme Rocha, 1201 - Centro

Fortaleza - Ceará

CEP.: 60.030-141

Fone: (0xx85) 212 - 8172

E-mail: eusebio@ettusa.ce.gov.br

Saga de Antônio da Piçarra - De Padre Cícero a
Lampião

R672s Rocha, Antônio Eusébio Teixeira - Fortaleza:

INESP, 2001

207 p

Baseado em entrevista a Antônio Eusébio
Teixeira Rocha e Antônio Teixeira Leite Filho.

1. Antônio da Piçarra - Biografia

2. Pe. Cícero

3. Lampião

CDD. 920-092

OBRAS DO AUTOR

Livros:

- *Luto e Prossigo Minha Caminhada*
Poesias- Independente - 1980
- *Receitas de Uma Nova Poesia*
Poesias - Independente - 1985

Música:

- *Água Ardente - CD Independente - 1995*

AGRADECIMENTOS

(Participação indireta nesta edição)

Simara Diogenes

Anne Caroline

Teresa Bessa

Lorena Gomes

Jorge Marinho

Tony Teixeira

Marcos Miotto

Mara Herrera

Dalvanete Lobo

Sumário

Apresentação	13
Páginas Iniciais.....	15
Saga do Livro	17

PRIMEIRA PARTE **Saga do Homem**

• <i>Capítulo 01</i> - Ambiente	25
• <i>Capítulo 02</i> - Personagem.....	31
• <i>Capítulo 03</i> - Família	35
• <i>Capítulo 04</i> - Infância	43
• <i>Capítulo 05</i> - Começo da Vida	47
• <i>Capítulo 06</i> - Guerra do Juazeiro	53
• <i>Capítulo 07</i> - Guerra Mundial	59
• <i>Capítulo 08</i> - Nome	63

SEGUNDA PARTE **Saga do Vaqueiro**

• <i>Capítulo 09</i> - Sêcas.....	71
• <i>Capítulo 10</i> - Vida de Vaqueiro	75
• <i>Capítulo 11</i> - Acidente de Vaqueiro	81
• <i>Capítulo 12</i> - História de Boi	85
• <i>Capítulo 13</i> - Boi Lavrador.....	91
• <i>Capítulo 14</i> - Compra da Piçarra.....	95
• <i>Capítulo 15</i> - Mulheres.....	101

TERCEIRA PARTE
Saga do Cangaco

- *Capítulo 16* - Conhece Lampião 109
- *Capítulo 17* - Coluna Prestes 115
- *Capítulo 18* - Fogo na Piçarra 119
- *Capítulo 19* - Vingança de Lampião 129
- *Capítulo 20* - Viagem a São Paulo 133
- *Capítulo 21* - Volta ao Ceará 137
- *Capítulo 22* - Retorno pelo Chico 141
- *Capítulo 23* - Agressão a Lulu 147

QUARTA PARTE
Saga do Mito

- *Capítulo 24* - Sabedoria 155
- *Capítulo 25* - Dia-a-Dia 161
- *Capítulo 26* - Terceiro Matrimônio 169
- *Capítulo 27* - Experiências 175
- *Capítulo 28* - Nome de Rua 179
- *Capítulo 29* - Homenagem 191
- *Capítulo 30* - Anos de Luta 195
- *Capítulo 31* - Imprensa Escrita 201
- *Capítulo 32* - Saga do Autor 205

APRESENTAÇÃO



*Carlos Demóstenes, Valnilia Teixeira e Ana Manuela.
Terceira e quarta geração - 1991*

A exposição clara, simples e precisa deste livro representa o retrato explícito de uma história, cujo personagem principal é o imemorável matuto inteligente, perspicaz, querido e porque não dizer amado, que reinou durante quase cem anos na região do Cariri, morando na fazenda Piçarra, no limites dos municípios de Porteiras, Jati e Brejo Santo, cidades encravadas no sopé da chapada do Araripe. Trata-se de Antônio Teixeira Leite, conhecido carinhosamente pôr Antônio da

Piçarra.

O autor, Antônio Eusébio Teixeira Rocha, médico traumatologista que vem se sobressaindo na especialidade que escolheu, além de exercer cargo de direção em hospital da capital e secretário de saúde em município do interior cearense, sabe também, discorrer com mestria, sobre a história em que se envolveram personalidade do sertão do Cariri, dentre os quais, destacou com justiça, o seu inesquecível avô Antônio da Piçarra.

Seria conveniente, nesta oportunidade, fazer-se a citação de pessoas que com ele conviveu e contribuíram para o desenrolar desta história. Dentre elas homens e mulheres ilustres, como os que se seguem: Lampião, Padre Cícero, Floro Bartolomeu, Luis Carlos Prestes, Tenente Arlindo Rocha, Dona Ernestina, etc.

Apesar de escrever com bastante simplicidade, observa-se o zelo do autor em expor sobre fatos, todos verídicos, quer relacionados com a vida do personagem, quer respeitantes aos acontecimentos que se ligaram à sua pessoa pôr intermédio daquelas que com ele conviveu durante a sua vida, descrevendo, ademais, com nitidez, os caminhos pôr ele percorridos, fazendo

ênfase aos lugares onde passou a maior parte de sua existência, principalmente, aqueles encravados no sertão do Cariri.

Não escondeu, o criador desta obra, as sábias lições que o personagem transmitiu, através do seu linguajar matuto, a todos que privavam de sua amizade e aqueles que conheciam a sua história.

Estender-se sobre mais alguns detalhes sobre esse interessante conto desnecessário se torna, a fim de que o leitor possa sentir o prazer de viver cada momento da história, absorvendo-a com avidez.

Parabéns ao autor

Desembargador
Carlos Demóstenes
Fevereiro de 2001

PÁGINAS INICIAIS



Foto da época em que foi iniciada as gravações para edição deste livro

Seu Antônio da Piçarra era amigo e afilhado do Padre Cícero e pôr circunstância, na época, recebia ordem do Padre para manter Lampião resguardado na sua fazenda em Brejo Santo no Ceará. O cangaceiro que também era afilhado do Padre Cícero, viera a Juazeiro a convite do mesmo. Na ocasião a cidade estava em pé de guerra, com a revolução da Coluna Prestes que pretendia tomar o Juazeiro do meu Padim Cíço, e Lampião era mantido na fazenda de seu Antônio, com a custódia do meu Padim, para entrar

na guerra caso fosse possível. Sendo necessário o cangaceiro entraria em ação. Embora à vinda de Lampião à Juazeiro ter sido a convite do Padim Cíço, o cangaceiro é procurado pela polícia do Pernambuco de onde era fugitivo. No final de ano de 1928 a força pernambucana, comandada pelo Tenente Arlindo Rocha, descobre o cangaceiro e comunica a Antônio que veio prender Lampião na sua fazenda e só tem duas saídas: ou Lampião é preso ou morre todo mundo. Seu Antônio não tem outra saída, se não entregar Lampião a

polícia será preso. Se entregar o cangaceiro e o mesmo escapar, seu Antônio é morto pelos companheiros. Estava nas mãos de seu Antônio da Piçarra uma situação difícil, mas ele optou pela solução mais correta. Mandou um portador avisar a Lampião que se retirasse da sua propriedade pois a sua casa estava cercada pôr cem homens da polícia que iria atacar o seu bando naquele local. Lampião não atendeu o apelo do amigo e prefere enfrentar a polícia, então é iniciado o tiroteio. Lampião é vencido, sua munição acaba ele consegue fugir com o seu bando, mas perde na luta o seu cangaceiro mais valente: Sabino

Gomes. Lampião desta vez foge para o estado de Sergipe onde tem parentes e depois de algum tempo é morto pela polícia dos Estados da Bahia e Sergipe. Seu Antônio fica aliviado do cangaceiro, caso ele não morresse, certamente viria a matá-lo. Durante o tempo que o cangaceiro ficou vivo em Sergipe, seu Antônio recebia muitas ameaças de morte pôr não ter evitado o ataque da polícia a seu bando (caso que se tornou impossível). Neste livro Antônio Eusébio Teixeira Rocha mostra estas e as demais fases de Antônio Teixeira Leite.

Ilton Teixeira Leite
Brejo Santo - Ceará

SAGA DO LIVRO

Muito já foi escrito sobre a saga dos retirantes, saga de um povo, saga de uma vitória, etc... Um livro também tem sua saga, que na verdade é a sua história. São os passos que são dados desde a concepção até a sua edição final. Um longo percurso até chegar a mão do leitor sedento de informações.

Este livro também tem sua história e seus percalços. Ele foi concebido a partir de gravação em fita cassete feito pôr minha pessoa e o tio Antônio Teixeira Leite Filho, durante nossas férias universitárias de 1984 a 1985. Um total de dez fitas gravadas no alpendre da casa grande da fazenda Piçarra com um fundo musical rico em vozes de Vovó Ernestina, Tia Luiza e as galinhas que ficavam no terreiro teimando em participar de toda esta movimentação. Pacientemente Vovô Piçarra ouvia e respondia com uma riqueza de detalhes a impressionar qualquer cidadão.

Dáí veio o momento de ouvir as fitas, talvez a parte mais difícil e complicada de todo o processo em que precisei “alugar” os ouvidos de Simara e Anne Caroline. Os primeiros contatos foram quando eu morava em Campina Grande, na Paraíba, e

enviava os primeiros manuscritos para Fortaleza, no Ceará, a fim de passar pelo crivo de Vicente de Paula Teixeira Rocha e Wilton Santana Filho, também netos de Antônio da Piçarra, em meados do ano de 1985 em diante.

Depois deste tempo estava no final da minha faculdade de medicina e o início da residência médica em ortopedia que me tomavam todo o tempo deixando assim o projeto deste livro arquivado. Além disso, conta o distanciamento natural dos familiares morando em cidades diferentes e distantes.

Em 1995 volta a despertar o lado cultural com a gravação de um disco em CD e aquela idéia de terminar o livro. Foram concluídos mais alguns capítulos e enviados para vários membros da família corrigirem. Muitos os convidados e poucas respostas. Bate um pouco de desestímulo quando esperava uma melhor recepção.

Chega janeiro de 2001 e o encontro com os tios Ivo e Iderval, no sítio Sant’ana, em Aquiraz, a primeira capital do Estado do Ceará, foi feito uma releitura e duas gravações de mais fitas, resultado: mais seis capítulos a inserir ao livro e

novos detalhes que eu desconhecia. Agora o livro começava a mostrar sua “cara”, não sendo feito mais a duas mãos, e sim, quatro, seis, oito...

Este livro também teve seus colaboradores que prefiro chamar de co-autores todos nominados a seguir, em ordem alfabética, pôr dever de direito, justiça e agradecimento pelo os resultados alcançados nesta obra:

- ANTONIO TEIXEIRA LEITE
FILHO
- CARLOS DEMÓSTENES
FERNANDES
- CLÓVIS DE OLIVEIRA NETO
- FRANCISCO IDERVAL
TEIXEIRA

- IVO TEIXEIRA LEITE
- ILTON TEIXEIRA LEITE
- NAPOLEÃO TAVARES
NEVES
- VICENTE DE PAULA
TEIXEIRA ROCHA

Para efeito de melhor acompanhamento o livro foi dividido em quatro partes que significam cada momento da vida do personagem. Cada parte foi considerada uma saga assim dividida: o homem, o vaqueiro, o cangaço e o mito. Fases distintas, mais importante no somatório da vida de Antônio da Piçarra.

E vamos a saga!

PRIMEIRA PARTE
(SAGA DO HOMEM)

Campina Grande, 21 de abril de 1985

Meu irmão Vicente

Aí vão os primeiros capítulos que devem ser lidos, com uma visão crítica, a partir destas observações:

- Este foi o melhor estilo e forma que consegui para o corpo do livro;
- Apesar disso tudo e de todos, o livro ainda está sujeito a modificações a partir de observações e de opiniões;

- Estas opiniões serão ouvidas, assim como as críticas, mas não implica necessariamente que serão aceitas;

- As observações abaixo das folhas significam o que esqueci no momento em que escrevia, só lembrando após as leituras subsequentes;

- Estas observações serão incluídas no devido lugar após a fase de digitação;

- Os três primeiros capítulos constituem a primeira parte do livro que é considerada introdutória;

- Nos demais capítulos, os assuntos e outros dados serão mais explorados;

- Além das opiniões, estarei recebendo poesias, crônicas e frases de efeitos sobre o vovô ou mesmo sobre o sertão para encaixar nos livros;

- Ler em conjunto e então entregar para Wilsinho observando as críticas;

Correspondência para; Rua Professor José Coelho, 117, centro, Campina Grande – Paraíba. CEP .: 58.100

Eusébio

Fortaleza, 01 de maio de 1985

Caro irmão Eusébio

Recebemos sua carta contendo os três primeiros capítulos do livro sobre Vovô da Piçarra. Parabéns pôr sua idéia em fazer um livro comunitário.

Lemos o livro e temos algumas observações a fazer. Achamos que o livro será um veículo de integração do Nordeste (e mais precisamente do sertão) com outras regiões, e como veículos devemos falar no sertão em todos os aspectos. O tema central deve ser o sertão: terra sem história, sem lugar geográfico, sem cultura e sem vida político-econômica. Vovô seria uma espécie de referencial, de bússola para melhor falarmos do sertanejo (aliás esse é um dos papéis mais importantes que realizamos na vida; ser bússola), daí a necessidade de se desgarrar da linguagem autobiográfica (pôr você usado) para desenvolver uma analítica-narrativa-informativa ensinando aos estrangeiros o quanto é rico e sábio o sertão e o sertanejo. Na nossa opinião o sertão deve ser soerguido e vovô um instrumento desse ato.

O livro deve conter nos primeiros capítulos uma idéia geral sobre o Nordeste (Ceará-Cariri-Piçarra) sendo visto o aspecto natural e o humano.

Nos demais seria feito um desenvolvimento da vida de vovô sabendo como ele se comportou diante de fatos de grande repercussão, afinal ele viu dois filhos envolvidos nos êxodos para São Paulo, seus irmãos no êxodo da borracha e tantos outros fatos.

Quanto a origem da família ela pode ser melhor explorada. Você deve sugar um pouco mais e em paralelo falar do costume do povo sertanejo (que o sertanejo é bem religioso e que ficou representado nos quatro irmãos mais velhos de vovô).

Recomendamos também cuidado para não endeusar em demasia a figura de vovô. Atenção!!!

Eu tenho uma poesia que foi feita para vovô, caso queira está a disposição.

Abraços,

*Vicente de Paula Teixeira Rocha e
Wilton Santana Filho*

Brejo Santo, 26 de agosto de 1995

Caro Eusébio,

Estou devolvendo-lhe cópias com as mensagens alusivas a vida do saudoso patriarca da família junto a alguns dados sobre o mesmo para auxiliar nas suas pesquisas, segue também o jornal dos festejos do município.

Abraços em Simara e Manuela. Segue a cópia da matéria divulgada no diário local, graças a sua iniciativa.

Ilton

Fortaleza, 12 de abril de 1998

Aos familiares de Antônio da Piçarra

Estes são os primeiros capítulos do livro de “vovô Piçarra”. Convidoo-
os para fazer parte desta obra inicialmente como “revisores”, e depois também
como um dos autores.

Foram quinze capítulos de um livro que presumo irá ficar em torno de
trinta capítulos. Solicito que façam as correções. Façam um resumo crítico
do que deve ficar e o que deve sair.

Também é importante que me enviem fotos, histórias, contos e fatos
que possam ilustrar mais ainda este trabalho.

Estamos também iniciando uma Associação com o nome de vovô no
intuito de prestar serviços às comunidades mais necessitadas e que será
localizada na rua Antônio Teixeira Leite , aqui em Fortaleza.

Ligue: residência – 234-5030; celular – 982-2430; fax – 212-8172 e
clínica – 261-1958.

Abraços

Eusébio Teixeira.

Obs.: Solicito que consigam patrocínios.

CAPITULO I
(AMBIENTE)

○ Cariri tão cantado em prosa e versos, resquício de colonização indígena, dos guerreiros da tribo Cariri que aqui fizeram morada. Localizado na região sul do Estado do Ceará, quase no centro da região nordestina do Brasil, o Cariri sempre foi considerado uma espécie de oásis, mesmo vendo-o nos períodos de seca, local de refúgio, asilo e bom local de vida. Tantas características deve-se ao fato de sua localização no sopé da Serra do Araripe. Montanha arenítica cheia de fontes e abundância de água levando a um solo bem fértil e um clima amenizado contrastando com as terras áridas e sofridas do sertão.

Parte do Cariri localiza-se na chapada do Araripe, denominada assim em 1946. Possui uma área de mais de 38.000 hectares (ha) correspondendo a cerca de 9.000 Km², tem uma temperatura amena que oscila dos 15° a 25° C e com média pluviométrica de 1.100mm/ano. As principais espécies da flora são: piquizeiro, janaguba, pau d'arco, jurubeba e jatobá. As principais espécies da fauna são: cotia, veado, seriema, tatu, gato do mato , onça vermelha além de vários répteis. A população em torno da floresta é de 500 mil pessoas (fonte: Núcleo de Educação Ambiental da Flora Araripe).

A chapada do Araripe é o principal testemunho geológico do período cretáceo (144 milhões a 65 milhões de anos atrás). Suas rochas calcáreas abrigam hoje, uma infinidade de insetos, plantas, pterossauros (répteis voadores) e dinossauros. Foi de lá que saiu o “Santanaraptor placidus”, o primeiro dinossauro achado com a estrutura tridimensional de seus tecidos moles preservada. Um dinossauro de pequeno porte que viveu há 110 milhões de anos na região do Cariri, descrito em 1999 pôr Alexander Kellner, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. (Fonte: Jornal O Povo, Fortaleza - Ceará em 28 de janeiro de 2001). O nome foi dado em homenagem a cidade de descoberta, Santana do Cariri; e ao professor e ex-prefeito da mesma cidade, Plácido Cidade Nuvens, ganhador do prêmio “Sereia de Ouro 2001 “concedido pelo o Sistema Verdes Mares de Comunicação filiada a Rede Globo de Televisão no Ceará.

O Cariri que tantas vezes tentou se desmembrar do Ceará e criar assim o próprio estado, hoje cresce um movimento para ser dividido em Cariri Oeste tendo como capital a Cidade de Juazeiro do Norte e em Cariri Oriental com a capital localizado na Cidade de Brejo Santo.

A região do Cariri Cearense é formado pelos seguintes Municípios: Abaiara, Araripe, Barbalha, Brejo Santo, Barro, Caririáçu, Crato, Farias

Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Santana do Cariri e Várzea Alegre.

A bacia do Araripe é a mais importante reserva fossilífera do Brasil e está entre as mais importante do mundo, uma vez que o seu material é abundante e muito bem preservado apesar do descaso do homem e das autoridades responsáveis.

Do ponto de vista geográfico a região do Cariri Cearense faz divisa com os estados de Pernambuco e da Paraíba, dois pólos de grande movimento cultural, econômico e religioso.

Quem viaja pela BR-116 no sentido Nordeste - Sul do Brasil, logo aos 14 quilômetros, ao passar pela cidade de Brejo Santo, na direção da cidade do Jati depara com um vilarejo que por suas características próprias resolveu chamar-se de Vila Piçarra. Localizada a quase 521 quilômetros da capital Fortaleza e constituída por uma capela, um grupo escolar Luís Teixeira Leite, 02 mercearias e quase 20 casas com boa eletricidade e dividida bem ao meio pela estrada de asfalto que é conhecida como a BR 116. A padroeira do local é a Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro.

Em trinta de janeiro de 1999 foram inauguradas uma série de obras construídas pelo Prefeito de Porteiras José LUSDÊNIO Miranda Teixeira (neto de Antônio da Piçarra). As obras inauguradas constavam de um Centro Educacional Antônio Teixeira Leite, uma nova capela, telefone público e o sistema de abastecimento de água da Vila Piçarra. Já no final de sua gestão, o prefeito LUSDÊNIO termina o seu mandato entregando o Centro de Saúde Ernestina Piçarra e a Quadra Esportiva Iderval Teixeira, o Piçarrão.

A Piçarra é geograficamente dividida em três Municípios: Brejo Santo, Jati e Porteiras. No sentido Brejo Santo à Jati, do seu lado esquerdo, inicialmente faz parte do Município do Brejo Santo, o lado direito no seu início é do Município de Porteiras e no seu final pertence ao Município do Jati no extremando com a Fazenda Barra Bonita.

É neste contexto e nestas terras que começa a nossa história. O mundo é bastante repetitivo e a história também se repete. Mudam os rostos, a carapuça e a roupa, mas a história sempre segue um mesmo padrão.

Esta localização explica muitas das amizades e o desenrolar das ações, como a visita dos romeiros do Juazeiro do Norte, passagem dos cangaceiros e da coluna invicta de Luis Carlos Prestes, etc.

A história do sertão mantém este estigma de homens fortes , talentosos, religiosos e assassinos, seca e enchente..... Os contrastes se atraem e atraem a nossa atenção.

O sertanejo sempre procurou seguir e endeusar seus líderes e assim apareceram Padre Cícero, Antônio Conselheiro, Capitão Lampião e por que não Antônio Teixeira Leite, vulgo “seu Tonho” da Piçarra.

Quem será capaz de negar que as histórias violentas, sangrentas e patrióticas do oeste americano, onde as relações sociais de força e poder degradavam os homens e levavam-os a lutar entre si ou os mocinhos massacravam os nativos indígenas não se repetiu bem aqui no nosso sofrido sertão brasileiro simbolizado pela figura de Virgulino Ferreira, o Lampião?

Essa necessidade da criação de um líder, de uma religiosidade, é um fator que nunca pode ser esquecido ou escondido, haja visto a crença tão forte ainda do Santo Padre Cícero que conseguiu o milagre da criação do Juazeiro do Norte, hoje uma das maiores cidades do Nordeste e uma das mais desenvolvidas, transformada na capital da fé do povo sertanejo de todo um Brasil de cima..

E confesso que Antônio da Piçarra foi um líder. Podemos dizer que ele foi um matuto que deu certo. Um matuto que venceu na vida com muito trabalho, astúcia, coragem e principalmente honestidade.

CAPITULO II
(PERSONAGEM)

Antônio Teixeira Leite nasceu na fazenda Piçarra, no município de Porteiras no dia doze de abril de 1895, as quatro horas da tarde, em uma quarta-feira da semana santa. Era uma quarta- feira de um feriado tradicional.

Sua família materna veio do município de Icó, na região do Vale do Jaguaribe, no estado do Ceará, precisamente da Fazenda Capim puba, através da sua avó Dona Josefa Sampaio mais conhecida como Zefinha. Era a família Teixeira Alves Pequeno, popularmente conhecida pôr “Teixeira Canela Preta” devido a um sinal predominante na pele em vários membros da família. Ao chegar na cidade de Porteiras casou-se com o Sr. Antônio Tavares Leite mais conhecido como Major Tavares, este pertencente a família tradicional, que estava há muito tempo radicado neste município. Deste matrimônio nasceram quatro filhos: Vicença; Maria, conhecida como Sinhá; Napoleão, que logo se mudou para o Acre e Miguel que foi residir em Belém do Pará.

A família paterna tem sangue paraibano, o pai legítimo de seu Antônio da Piçarra veio de Conceição de Piancó, cidade do alto sertão da Paraíba. Seu nome era Nicolau Rodrigues Leite e fôra criado pelo seu avô e padrinho, o Capitão João Pedro Rodrigues Leite, chefe de Conceição do Piancó e Capitão da Guarda Nacional.

Nicolau Rodrigues Leite chegou ainda rapaz em Porteiras e em 1867 comprou um terreno no Saco da Pedra Branca, se tornando logo vizinho e amigo do Major Tavares.

Conheceu Dona Vicência e com pouco tempo constituíram matrimônio dando início a numerosa família.

Deste casamento nasceram sete filhos: Joaquim, conhecido como Jaca; Maria que era chamada de Nenem; José; Ana, apelidada de Donana; Etelvina; Gonzaga e o caçula Antônio Teixeira.

O nome dos quatro filhos mais velhos foram colocados em homenagem a Sagrada Família - Joaquim, Maria, José e Ana -, fator de orgulho por parte de dona Vicência, mostrando assim quanto é religioso o sertanejo.

Ao completar os quatro meses de nascimento ocorreu a fulminante e precoce morte de seu pai Nicolau Rodrigues. Este ainda em estado grave pediu a uma parente que chamava-se Rosa Francilina de Jesus, irmã de Vicente Tavares, portanto tia legítima e conhecida como Rosinha para criar seus filhos mais novos. Rosinha era viúva, mas se encontrava no segundo casamento há pouco tempo com o senhor José Dantas. Moravam em uma fazenda

chamada Piçarra.

E foi nesta Piçarra que seu Antônio veio a se criar e no futuro ser o proprietário, após a morte dos seus pais adotivos José Dantas e Rosinha, como descrito no capítulo XXIV “ A compra da Piçarra “.

Sua mãe ficou sendo conhecida como madrinha e tia. Dona Vicencia veio a falecer quando seu Antônio já tinha os seus oito anos.

O contato com os irmãos adotivos foi bastante acentuado. Antônio Luís, José Luís, Maria conhecida como Boda e Antônio Pinheiro que também era filho adotivo do casal José Dantas e Rosa Tavares. Antônio Pinheiro, juntamente com Carolina, foram os padrinhos de batismo de Antônio da Piçarra.

Os irmãos legítimos de seu Antônio da Piçarra ficaram conhecidos como primos, pois logo os mais velhos foram para o Belém do Pará morar com o Tio Miguel Teixeira. Só em meados de 1902 o Joaquim, conhecido por Jaca, voltou ao Ceará para levar Etelvina e Gonzaga que se encontravam respectivamente com idades de 14 e 12 anos. As outras irmãs Maria e Ana, já casadas, resolveram ficar em Porteiras.

Pouco tempo depois Jaca, que era mestre em música na Capital Paraense, por problemas pessoais, teve que se transferir para o estado do Rio de Janeiro aonde se estabeleceu.

Seu Antônio da Piçarra veio a falecer no município do Crato, embora sendo morador da Piçarra, no dia 31 de agosto de 1994 aos 99 anos de idade, como bem previu um dia o “Santo Padim Ciço” de Juazeiro do Norte. Acometido de uma provável obstrução intestinal foi encaminhado ao Hospital Joaquim Bezerra de Farias aonde veio a falecer mesmo com toda assistência médica. Porém, morreu com o orgulho de continuar sendo morador de sua querida Piçarra.

Nesta data foi decretado feriado municipal em Brejo Santo e Porteiras para que os amigos e admiradores prestassem sua homenagem.

CAPÍTULO III
(FAMÍLIA)

Antônio Teixeira Leite sempre foi morador da Fazenda Piçarra onde constituiu família. Foi um total de três matrimônios, sendo muitos filhos, netos, bisnetos e trinetos os quais pôde curtir em vida. No dia da sua morte deixou 143 descendentes de sangue.

O primeiro casamento ocorreu em 19 de novembro de 1913 com Antônia Bastos na cidade de Brejo Santo onde veio morar pôr alguns anos. Moça educada em colégio de freiras onde estudara latim e francês. Quando casados, fizeram acordo para ela ensinar melhor o português e Antônio lhe ensinaria a dançar. Era da família do então compadre Coronel Basílio. O seu amigo e compadre Pereira era irmão do pai dela e casado com uma prima, a Neném Bela. Então por intermédio deles aconteceu o namoro. Nessa época todo o contato era mais com Porteiras, haja vista que para ir ao Brejo Santo não existia estrada, somente veredas e muito mal conservadas. Antônia Bastos tinha 15 anos de idade.

Deste matrimônio nasceram Junília (16-10-1914), Luís Teixeira conhecido como Lulú Piçarra (31-01-1916), Raimunda (1917) e uma criança que morreu com 05 dias de nascido. Dona Antônia veio a falecer no dia 16 de outubro de 1918, por complicações no trabalho de parto morrendo mãe e filho. Esta união durou cinco anos.

Dona Antônia tinha acabado de contrair a doença da “Gripe Espanhola” que era conhecida como a “doença da bailarina”. Toda mulher grávida, àquela época, no pós-parto corria grande risco de também ser acometida desta doença. Seu Antônio da Piçarra no início da sua viuvez também foi atacado pela “bailarina” e passou muito mal. Dona Rosinha, sabendo da doença e do estado do filho adotivo, foi buscá-lo no dia 2 de fevereiro de 1919 para morar na Piçarra levando os filhos.

A “bailarina” era uma febre que veio no pós - guerra e era também chamada de Espanhola devido a grande migração de mulheres da Espanha para trabalhar na vida em casas de prostituição aqui no Brasil. A doença se espalhava de maneira rápida e avassaladora. A transmissão era rápida pelo contato e se disseminava pelo vento. Qualquer aglomeração era motivo simples para infestação geral. Quando tinha festa de casamento, com a presença de um doente, logo todos os presentes também pegavam a febre impiedosa e desumana.

Essa doença espalhava-se rapidamente pôr todo o Brasil. Dados alarmantes informam que só na capital do Rio de Janeiro morriam 1.000

pessoas, em média, por dia.

Os prefeitos da região mandavam cavar valas e mais valas, deixavam abertas e devido a chegada freqüente de vítimas da doença não dava tempo para fechá-las. Lembrava os campos de extermínio da Alemanha no período nazista.

Os cadáveres eram transportados em cima de madeiras e jogados a céu aberto e em alguns casos jogava-se pá de cal comum para acelerar a decomposição. Morreu muita gente pelo sertão afora. A doença era caracterizada por febre intensa, vômitos e diarreia incessante. Levando a um quadro de desidratação aguda e morte.

Seu Antônio foi tratado por sua mãe que mandou fazer uma panelinha de barro bem queimadinha. Fez uma grande quantidade de chá de marcela e colocou para ser tomado como água diariamente até toda sua recuperação. Esse foi o remédio, tinha que fazer uma boa hidratação.

Logo que melhorou, no início de março, começaram as viagens e os namoros. Eram namoradas no Brejo Santo, no Jati (antiga Macapá) e também nas Porteiras. Só que essa fase de namorador durou pouco, o segundo casamento aconteceu em maio de 1919 com Carolina Miranda. Era sua cunhada, pois era viúva de um irmão adotivo, o Antônio Pinheiro. Ela era proprietária da fazenda Urubu, em Porteiras, fazendo divisa com a fazenda Piçarra. Na verdade este casamento foi ordem de sua mãe, que preparou todo o contato.

- “ Ô meu filho você deve casar com Carolina pôr que ela não pode ter filhos, vai criar teus filhos como se fossem filhos dela. Desde que você ficou viúvo que ela já está cuidando dos meninos.” .

Conselho de mãe não se discute. Na verdade foi um casamento em silêncio. Seu Antônio foi ao Crato pedir permissão ao Bispo Dom Quintino de Oliveira. Naquela época ninguém podia casar antes de tirar o luto, que deveria durar um ano, só a igreja poderia autorizar uma antecipação. Tudo combinado só com os parentes mais próximos. Feito todo enxoval também na cidade do Crato, o irmão Zé Luis foi buscar o Padre Monteiro, o mesmo que celebrou o primeiro casamento.

Um detalhe: Dona Carolina era bem mais velha. Ela tinha 17 anos a mais que o Seu Antônio da Piçarra.

Foi aí que seu Antônio vendeu a fazenda Urubu, que alguns anos depois voltou a comprar e adquiriu a fazenda Piçarra. Maiores detalhes no capítulo

XV “A COMPRA DA PIÇARRA”. Assim, se estabeleceu de vez e fez dali sua morada. No começo era tudo muito quieto. Carolina bem mais velha era sempre muito viva e experiente. Logo depois ela foi adoecendo e seu Antônio começa a ir para os bailes arranjando namoradas. Bom dançarino, era pessoa indispensável em festas da região e sempre muito disputado. Deste matrimônio não teve filhos. Foi considerado na época o homem mais bonito da região.

Com esta vida vem a terceira mulher, Dona Ernestina Jerônimo de Sousa. Com seus vinte anos, conquista o coração de seu Antônio e se unem em 1937. O casamento civil veio a acontecer em 12 de abril de 1975, no aniversário de oitenta anos. Deste matrimônio tiveram os seguintes filhos: Iderval (08.01.1938), Ivonete (12.02.1939), Ivone (20.01.1940), Ilton (05.06.1942), Ivanilda (27.03.1944), Ivete (16.07.1945), Francisco (30.10.1950), Ivo (20.05.1955) e Antônio Teixeira Leite Filho (13.06.1960). Este último sendo o “fim-de-rama” como gostava de dizer.

Importante também salientar que Dona Ernestina era mais nova que Dona Junília, a primeira filha de seu Antônio da Piçarra.

Foi na casa grande da Piçarra onde passou o maior tempo de sua vida. Era ponto de rancho dos romeiros que iam ao Juazeiro do Norte visitar o Padre Cícero. Os apendres eram cheios de redes onde dormiam romeiros de todos os Estados.

Em relação aos três casamentos, Antônio da Piçarra costumava definir assim cada fase que passou:

- “Eu fui varão, varela e varunca. No primeiro casamento fui varão: manda ele e ela não. No segundo fui varela manda ele e ela. No terceiro fui varunca: manda ela e ele nunca.”

CAPÍTULO IV
(INFÂNCIA)

A infância de Antônio da Piçarra resumia-se , principalmente em ser vaqueiro, andar a cavalo, cuidar do gado e das plantações. Assim ele se sentia realizado.

Os amigos foram muitos, porém o maior amigo foi Antônio Pinheiro que foi morar em Missão Velha e veio a falecer em 1932. Também teve boa convivência com os primos Zuza Tavares e Chico de Quental. Estreito contato também nesta época com Zé Luiz e Antônio Luis. Porém o amigo de infância e na fase adulta foi José Domingos. Amigos com a mesma idade e sempre morando vizinhos até a morte de ambos. Outro grande amigo e companheiro foi Franco Pinheiro.

Na verdade tiveram uma infância de vaqueiro junto com Braúna, José Domingos, Manuel Cazuza, José do Rio, Pedro Tavares e Chico de Quental, todos vaqueiros daquela região.

As fases de infância, adolescência e juventude para Antônio da Piçarra foram pequenas e rápidas, pois já aos 17 anos partia para o primeiro casamento.

As histórias da infância foram muitas e memoráveis, como esta contada pelo próprio:

Em 1908 foi construído um grande açude na fazenda do seu pai . Em 1910 houve a primeira sangria. Foi a primeira vez que encheu ao ponto das águas transbordarem riacho abaixo. Tinha sido um inverno abundante. No mês de abril chega seu Joaquim Cardoso, proprietário da Fazenda Custódio, correndo, afirmando que seu açude tinha arrombado a parede e a água vinha em direção à Piçarra. Seu Antônio reúne um grupo de amigos e vai aumentar a parede do açude da Piçarra para segurar a água e abrir mais o sangradouro. Este foi o primeiro grande trabalho - tinha 15 anos.

Outra situação que seu Antônio viveu foi referente a um comentário, nesta época, que ninguém atravessava nadando o açude da Piçarra. Um cidadão da serra ao passar na fazenda desafiou seu Antônio, uma aposta em cavalo.

- “ Antônio, vamos apostar um cavalo no outro?”

- “ Tá feito! “ - diz Antônio da Piçarra.

Foi o maior barulho. Este tipo de apostas era motivo de festa e espalhava-se muito rápido por toda a região. Escolhidas as testemunhas, Antônio tira a roupa, pula na água e chegando do outro lado mais morto do que vivo, porém alegre, havia ganho a aposta. Toda alegria se desfaz quando

seu pai manda devolver o animal, fruto desta dita aposta.

A experiência serviu para mostrar que já era forte, porém tinha que manter o respeito e não se envolver em jogos e apostas, já que seu pai era contra.

Foram vários amigos na infância, mas a amizade maior era a dos camaradas vaqueiros:

-“ Era uma amizade danada. Antônio Pinheiro chamava os vaqueiros era mesmo de irmãos. Todos os vaqueiros eram irmãos. Eu tinha tantos amigos que nem dá pra citar os nomes de todos.” - Assim sempre dizia Antônio da Piçarra.

Os amigos da sua época afirmam com toda convicção que Antônio da Piçarra foi o maior nadador que já viram em todos os tempos. Como também era bem humorado, muito corajoso e estava sempre disposto a ajudar os amigos quando era solicitado.

CAPÍTULO V
(COMEÇO DA VIDA)

A paixão de Antônio da Piçarra na mocidade era: arma, cavalo e ser vaqueiro. Ele não escondia suas vontades que na verdade eram a sua realização pessoal:

- “Quero cuidar do gado, ser vaqueiro. Casar, criar animal era a minha idéia que eu matutava desde muito novo.”- dizia ele.

Antônio da Piçarra já marcava o lugar da casa para morar e como queria que fosse. Queria plantar, ter roçado, e assim foi feito. Ao casar pela primeira vez, assumiu a Fazenda “ das Sousas ”que pertencia à sua sogra. Lá fez o roçado e marcou o local da casa. Só que tudo foi por água abaixo com a opção de ir morar em Brejo Santo.

Naqueles tempos a economia era a agricultura e pecuária de subsistência. Não existia o comércio. Dinheiro era mercadoria difícil, pois tudo era muito barato. Um saco de milho custava 2 mil réis, o saco de arroz custava 3 mil réis. Um dia de serviço de um bom morador era 500 réis. A vida consistia em produzir para comer. Todos tinham seus roçados.

O que a maioria precisava para o sustento, eles próprios plantavam. Tratava-se na verdade de uma sociedade de auto- subsistência familiar.

As diversões eram os namoros. Havia festas e mulheres dançarinas. Antônio da Piçarra foi precoce, começou a dançar em 1902, estava com 7 anos. A primeira vez que dançou foi em Missão Velha quando passeava na casa da irmã casada.

- “Eu dançava bem danado. As moças eram quem me tiravam para dançar. O baile era bom. Tocavam em harmônica. As moças iam com vestidos compridos e cabelos grandes. Os beijos eram na testa e na face. “ – relembra Piçarra.

As músicas eram de cantores do sul e ouviam-se muitas cantorias e toadas. As leituras e romances disputados para ler eram os de vaqueiro, de terra e os de cordéis.

A alegria era aos domingo quando o pessoal da fazenda Baião ia para as Porteiras e dormiam na Piçarra para cedinho ir à feira. Tinha o Jacozinho que gostava de versos de folhetins. Depois da ceia, todos eles iam para o alpendre e com a luz da lua liam e faziam a maior festa.

A primeira vez que se dirigiu ao cinema, ocorreu em 1912 em Barbalha. Eram os cinemas ambulantes. Eles traziam os caixões grandes, alugavam as casas e passavam o filme. Eram histórias de brigas e romances. Era preto e branco, além de ser mudo. O primeiro filme foi um “faroeste” com muito tiro.

Quem levou Antônio da Piçarra foi um amigo, o coronel Cícero Santana. Quando terminou o filme já eram cinco horas da tarde, Antônio pega a mula e volta para as Porteiras. Quando passou pela Lagoa já vinha cochilando e dormiu em cima do animal. Antônio sonha:

- “ Começou o tiroteio e quando um bandido me entregou o revólver eu pulei da mula e larguei-me dentro da areia que enterrei a cara. Aí me acordei. Na verdade foi só um sonho.”

Em relação ao teatro, a primeira vez foi em Juazeiro do Norte em 1910. Na verdade era aquele circo com dois partidos: um azul e um rosa. Existiam as competições entre os dois partidos atirando um no outro. Os participantes usavam cavalos e também existiam os palhaços. Começa a batalha para ver quem era o melhor e a platéia participava como se fossem soldados dos partidos.

- “ Era uma brincadeira que não me agradava muito, mas como ia toda a sociedade, eu também estava lá.” - comenta Antônio da Piçarra

Antônio da Piçarra sempre viveu em um grande círculo de amizade. Homem de boa conversa e sempre amável, nunca se negou a receber bem as pessoas em sua residência. Foram muitos os amigos logo ao chegar a residir em Brejo Santo: Coronel Basílio, Coronel Manuel Leite, Coronel Inácio e todos os chefes políticos da época.

Com o segundo casamento e mais maturidade este círculo aumentou muito mais. Com o fluxo de pessoas, principalmente de Pernambuco e Alagoas, que iam visitar o Padre Cícero em Juazeiro, Antônio sempre acolheu peregrinos em sua residência. Sempre servia um prato-de-comida , uma rede, uma prosa e principalmente um sorriso.

Certa vez Luiz Pinheiro, morador do Jati, comprou um transporte e começou a fazer viagens para outros estados. Em um certo dia, na feira, eles tiveram o seguinte diálogo ao se encontrarem:

Luiz – “ Seu Toin, me diga uma coisa, o senhor já andou em Pernambuco?”

Antônio – “ Não!”

Luiz – “ E em Maceió?”

Antônio – “ Nunca andei.”

Luiz – “E como diabo todo mundo de lá conhece o senhor?”

E foi nesta época que Antônio entrou na política. Foi em 1918, quando

teve direito ao título de eleitor em Brejo Santo. Assumiu a delegacia de Porteiras por duas vezes em um total de oito anos. No Governo Paulo Sarasate foi vereador, interventor, secretário da Câmara Municipal e da Arrecadação, também no município de Porteiras.

Também foi um dos grandes senhores de engenho: fazia rapadura e a pinga (cachaça da Piçarra) . Escolhia um dia por semana, sempre nas sextas-feiras, a doação de mel para os compadres, os afilhados, os moradores da fazenda, mas principalmente, aos que trabalhavam nos serviços de moagem. Geralmente estes tempos de moagem duravam cerca de três meses: agosto, setembro e outubro.

TÍTULO ELEITORAL



Luís Nº 10
CIRCUNSCRIÇÃO SELECÇÃO

Trancão Santo - Gó. 70º ZONA
MUNICÍPIO DO VOTO

NOME Antonio Ferreira Leite
Paulinas - Braga Casado
MUNICÍPIO DO VOTO ESTADO CIVIL

12/4/1895 Paulinas - Braga Casado
DATA DO NASCIMENTO NATALIDADE ESTADO CIVIL

Nicolau Rodrigues Leite Francisco Augusto de Jesus
PROFESSOR PROFESSOR

VOTA NA 1ª Paulina
PROFESSOR

REVISADO
 EM 22/10/51 1951
António M. de Sá
Secretário

Antonio Ferreira Leite
ASSINATURA DO ELEITOR

EM 5-9-1956
T. S. E. - TITULO NO. 4 ACT. ELEITORAL

VOTOS:

<p><u>En 19.11.1951</u> <u>J. L. Santos</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<p><u>En 14.11.1952</u> <u>J. P.</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<p><u>En 19.11.1954</u> <u>J. P. M.</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>
<p><u>En 6.7.1953</u> <u>J. P. L.</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<p><u>En 15.11.1954</u> <u>J. P.</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<p><u>En 15.11.1955</u> <u>J. P.</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>
<p><u>En 10.11.1956</u> <u>J. L. S.</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>REVISADO EM <u>1-1-1954</u> 1954 <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small> Secre</p> </div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>REVISADO EM <u>22/10/51</u> 1951 <u>António M. de Sá</u> <small>Secretário</small></p> </div>
<p><u>En 15.11.1950</u> <u>Aguiar</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<p><u>En 1-1-1954</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>	<p><u>En 1-1-1954</u> <small>MUNICÍPIO DO VOTO</small></p>

CAPÍTULO VI
(GUERRA DO JUAZEIRO)

Então, em dezembro de 1913 acontece a famosa guerra de Juazeiro. Antônio da Piçarra, recém-casado, se empolga em querer participar. Recebe o convite do delegado José Canário de Missão Velha que representava o governo do Presidente do Estado do Ceará, Franco Rabelo. Este mandou uma carta para sua ida junto com Zé Luís. No intuito de evitar discussões com a mulher e com a mãe, os dois inventaram uma história que iam só até o Monte, um lugarzinho perto das Porteiras. Lá existia um cidadão, cunhado da sogra de Antônio da Piçarra, que possuía armas e muita munição. Ao chegarem no Monte pediram um rifle emprestado e mandaram o recado para a mulher que iam até Missão Velha na casa da irmã Boda.

Juazeiro vivia aquela época um grande movimento. Todos os criminosos e procurados da justiça da região corriam para pedir conselho ao Padre Cícero Romão Batista, o Santo Padim Ciço. Este aconselhava a deixar aquela vida e fixar morada em Juazeiro do Norte, aumentando assim cada vez mais, sua população.

Nascido na cidade do Crato em 23 de março de 1844, o Padre Cícero foi o responsável pela emancipação e foi o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte. Ele veio a morrer em 1934 na mesma cidade da qual se tornou o patriarca.

O Padre Cícero ordenou-se juntamente com dois tios de Antônio da Piçarra. O Padre costumava frequentar a fazenda Capim puba, da família Teixeira, na época da moagem de cana de açúcar.

Quando Franco Rabelo assumiu o Estado do Ceará, este era governado pelo Dr. Nogueira Accioly, vivia-se um clima em que todo cidadão andava armado e eram famosos os casos de impunidade, matava-se e ninguém era processado.

No Cariri não era diferente, tinha a oligarquia do Coronel Raimundo Cardoso em Barbalha, Coronel Jamacarú em Missão Velha... Tudo era na base da força. Era uma terra sem lei.

Muito astuto, o Padre Cícero, então prefeito da cidade do Juazeiro do Norte, reúne os políticos e fazendeiros da região do Cariri e formam o pacto dos coronéis com a finalidade de manter uma continuidade da família Accioly no estado do Ceará, impedindo a posse de Franco Rabelo.

Então Franco Rabelo é escolhido presidente do Ceará sendo indicado pelo presidente da República Hermes da Fonseca. O Padre Cícero é indicado na terceira vice-presidência.

- “Os soldados eram os homens fortes da região. O nome dos candidatos a policial iam para Fortaleza e daí vinha o fardamento, também vinha homens fortes da região do Pernambuco. Os soldados obedeciam aos prefeitos, era a guarda local.”— Afirmava Antônio da Piçarra.

Franco Rabelo faz um governo enérgico após ser eleito nas urnas em 1912. Inicia com um processo de desarmamento da população e mandando prender os chefões. Quando limpou o estado, os que não foram presos fugiram para outras regiões. Depois destas atitudes, Franco se vira contra Juazeiro do Norte. O alvo agora era tomar a cidade das mãos do Padre Cícero.

Antes de mandar a força policial, Padre Cícero foi informado. O mesmo usava a filosofia “Quem matou não mate mais; quem bebeu não beba mais; e vamos rezar para Nossa Senhora cuidar da nossa família”.

- “Ele queria aconselhar o povo e eles obedeciam ao Padre Cícero.”- Dizia Antônio da Piçarra.

Quando chegou a primeira força policial, logo cercaram a cidade de Juazeiro. Os nativos construíram cerca de cinco grandes valetas feitas em cinco dias. Quem ficava dentro desses valados conseguia ver tudo por fora e não ficava à vista. Os soldados viram que não podiam atacar e pediram um canhão que viesse de Fortaleza.

Comandado pelo médico Floro Bartolomeu, os jagunços do Padre Cícero mostraram uma tática de guerra inteligente e foi responsável pela vitória. O sistema defensivo se resumia no seguinte: Mulheres e crianças cercaram Juazeiro com um valado de oito metros de largura e cinco metros de profundidade com a terra retirada para o lado das linhas defensivas. Este esquema fazia com que as forças do Padre Cícero ficassem por trás dos montes de terras e as armas voltadas para os soldados de Franco Rabelo. Era estratégia de guerra defensiva contra a grande força policial que vinha da capital.

A estratégia consistia nos guerreiros do Padre Cícero se protegerem pôr detrás dos monte de terra, podendo apontar suas armas na direção dos soldados.

O Governo do estado enviou um canhão , pôr meio de transporte ferroviário até a cidade de Iguatú e de lá veio arrastado por animais. O Padre Cícero foi avisado e em seus sermões noturnos dizia:

- “Saiu da capital a peça que veio para acabar com todos nós, mas ninguém tenha medo porque ela não vai fazer nada com a gente. Maiores são

os poderes de Deus e de nossa Mãe das Dores.”

Saiu de Iguatú um carro-de-boi com seis juntas de animal puxando o canhão. Em Juazeiro foi para um distrito chamado Macaco. Já sabedor do fato, Padre Cícero arma seu plano:

- “As duas horas da madrugada Zé Pedro vai juntar um comboio de vinte homens armados de pá e enxada para fazer mais valados. Quando houver a brigada vocês não atirem enquanto eles não dispararem a peça do canhão.”

Atônitos, a população pergunta mas mantendo a fé no Padre Cícero:

- “Mas meu padim não disse que quando a peça disparar vai acabar com Juazeiro?”

Padre Cícero acalma afirmando:

- “Quando a peça cair aqui no meio da praça de areia os romeiros da brigada vão me trazer a bala na mão, porquê maiores são os poderes de Deus e da Mãe das Dores.”

Foi dito e feito. Quando o canhão foi disparado “estremeceu tudo”, o barulho foi ouvido em Missão Velha que fica a quase trinta quilômetros do local. Nesta hora os aliados do Padim Ciço avançaram sobre a força do governo e exterminou todos, deixando vivos apenas os animais. A romeirada entra em Juazeiro com o canhão, aos berros:

- “Viva meu Padim. Viva Nossa Senhora das Dores. Viva.”

Os bois que puxavam o canhão serviram de alimento para o povo sitiado em Juazeiro do Norte que, já não tinha muito o que comer e o que beber.

Foi assim que Antônio da Piçarra viu e participou da famosa guerra do Juazeiro além da sua visão sobre o Padre Cícero Romão Batista.

Dom Aloisio Lorscheider, quando Arcebispo de Fortaleza, após reflexão assim bem definiu a figura do Patriarca de Juazeiro do Norte:

- “O Padre Cícero soube, como ninguém jamais fez, unir política e fé. Precisamos aprender com ele.”

Em março de 2001, em uma promoção desenvolvida pelo Sistema Verdes Mares de Fortaleza e a Rede Globo de Comunicações, foi escolhido o Padre Cícero como o “Cearense do Século”, em votação realizada em todo o estado do Ceará alcançando 38,78% dos votos válidos. Esta apuração aconteceu com total acompanhamento e cobertura do TRE (Tribunal Regional Eleitoral).

CAPÍTULO VII
(GUERRA MUNDIAL)

Era 1917, já morando em Brejo Santo e casado há quatro anos começam os conflitos no continente europeu e o Governo brasileiro cria a força Militar (os tiros de guerra). Veio ao Brejo Santo o Sargento Fernando Tavares para instruir todos os homens com mais de 18 anos. Era obrigação de todos estarem aptos para um provável ingresso do Brasil na Primeira Guerra Mundial que já se alastrava por quase toda a Europa. Incluído na linha de tiro, Antônio da Piçarra tinha instrução diária.

O chefe político Coronel Inácio convida o sargento Tavares para levar os soldados para comerem “umbunzada” e coalhada na sua fazenda. Essa era uma tradição informal mantida pelos líderes da época de dar boas vindas e mostrar sua força política aos visitantes. A “umbunzada” é uma vitamina feita de uma fruta típica da região que é o “umbu”. Preparada com leite, produz uma refeição que dar muita resistência ao sertanejo.

O Sargento Tavares chama trinta homens e todos a cavalo vão em direção à fazenda do Coronel Inácio. Só que ao chegarem perto da fazenda o rio não dava passagem, era uma grande enchente, água muito forte, tinham que atravessar nadando e com um detalhe: sem molhar a roupa. Nesse momento, dezesseis dos homens voltaram para o Brejo. Um soldado amarra a roupa bem enroladinha e atravessa com uma mão levantada para proteger as vestes e assim seguem os demais. A liderança e o ato de servir de Antônio da Piçarra ficam evidentes em mais uma situação.

Ao chegarem na outra margem os homens observam que o soldado Vianinha, que não sabia nadar, teve medo de enfrentar o rio. Antônio da Piçarra volta para pegar o homem:

- “Eu não sei nadar ...” - diz Vianinha

- “Não tem problema esse seu cavalo é bom e está acostumado a nadar. Então vamos fazer o seguinte: você pega o rabo do cavalo, enrola na sua mão e eu fico do seu lado.” - fala Antônio da Piçarra.

E assim foi feito com ajuda de um outro soldado puxando o cavalo. Quando já estava saindo do outro lado, tinha uma ribanceira mais alta e o cavalo parou. Pensando ser águas rasas, o soldado Vianinha solta o rabo do cavalo e neste momento a água corrente arrasta o pobre homem.

- “Acuda o homem!” - grita o Sargento.

Seu Antônio pula e pega Vianinha no braço, o mesmo muito nervoso começa a se bater e apertar com muita força o braço. Só teve uma solução: Antônio dar uma cabeçada na barriga (abdômem) do soldado e este desmaia,

só desse jeito evita que morram os dois. Assim Vianinha está salvo.

O Sargento Tavares reúne o grupo e afirma:

- “Esta é a primeira promoção do tiro de guerra do Brejo Santo. Antônio agora é Cabo.”

Foi também a primeira promoção, por méritos, de Antônio da Piçarra. Era o início de várias novas promoções.

Nesta época o patriotismo e a ingenuidade falavam bem mais alto. Tudo era um sonho....dizia ele:

- “Eu iria para a guerra como muitos foram, iria para defender a nação, para brigar. Era guerra monstra, muito longe. A guerra representava para mim ir brigar e ganhar nome de valentão, coisa que eu gostava. Eram duas coisas que eu tinha muita vontade de ser: era ser vaqueiro como de fato era e também ser cangaceiro.

A arma utilizada naquela época era o parabelo ou parabelúm, uma pistola alemã automática. A palavra era originária de uma expressão latina: “si vis pacem, para belum”, isto é “se queres a paz, prepara-te para a guerra”.

A história termina com uma ponta de frustração pôr Antônio não ter ido participar da guerra mundial. Felizmente o governo da república não enviou nenhum brasileiro para participar da primeira guerra.

CAPÍTULO VIII
(NOME)

O nome é oficial e o apelido é popular. O personagem deste livro foi tratado como “seu tonho”, “toin”, “Antônio”, “Coronel”, “Padin”, “Seu Toin”... mas sua preferência e alegria era ser chamado de “Antônio da Piçarra”. Esse nome virou marca e assim ficou conhecido por todos e em todos os lugares em que passou e mesmo nos lugares mais distantes aonde chegou as suas aventuras.

Antônio Teixeira Leite Filho, neste capítulo, faz uma homenagem ao pai e explica o surgimento do seu nome.

“Antônio Teixeira Leite, Antônio da Piçarra, ganha este pseudônimo após o seu primeiro matrimônio ao residir por alguns intervalos durante o decorrer do ano na cidade de Brejo Santo, pelo fato de que na mesma rua existia outro Antônio. Este nome se transformaria em uma marca ou melhor a sua marca, que haveria de acompanhá-lo ao longo do seu quase centenário. Por tanto Antônio não nasce sendo Antônio da Piçarra, nasce sim, naquele momento no seu berço, no torrão natal, na Piçarra que virá a ser o palco de toda a sua vida, dentro desta ou por esta, uma coleção de histórias, fatos e acontecimentos que Antônio Eusébio irá narrar de forma apaixonada, por vezes emocionado, noutras encantado, em algumas com o seu coração dilacerado de saudades. Saudades de quando criança, depois adolescente e em seguida já adulto podia, ao vivo e a cores ouvir aquelas narrativas, ricas nos detalhes e enorme na emoção que o seu avô por tantas vezes lhe contava nas tardes coloridas da velha casa da Piçarra. Seu Tonho sentado na “preguiçosa” os meninos distribuídos naquele “banco velho” no qual se sentara Lampião, como se estivesse ali para dar o seu testemunho de grande parte daquelas narrativas. O restante das crianças ou adultos distribuíam-se ao longo do alpendre, entre maravilhados e emocionados, como se assistissem a um filme com um herói valente, destemido e respeitado falando de cavalos, bois, corridas, vaqueiros, cangaceiros, Lampião, Padre Cícero, guerras, enchentes, navio, trem, mar, rio São Francisco, vaporzinho e porque não falar, também de amores e conquistas. No entanto um herói bondoso, o mocinho do filme “Hollywoodiano”, histórias estas que o leitor poderá conhecer neste

livro, quem sabe tenham o privilégio de viverem a emoção que vivemos, que despertara a tietagem de Antônio Eusébio que neste momento nos presenteia com este maravilhoso livro e muito mais do que isto, rende uma homenagem a tanto merecida. Confesso ao leitor que aquelas histórias que muito influenciaram em minha formação de homem, assim como todos os outros filhos, netos e outros tantos que tiveram a felicidade de ouvi-las. Não havia como não tornar-se tiete daquele senhor de cabelos brancos ao abrir o livro da sua própria vida, com a mais ingênua sinceridade e todo o desprovemento do que pudesse ser orgulho ou necessidade de ocultar qualquer detalhe que fosse. Hoje quando preciso contar “estórias” para meus filhos dormirem, prefiro narrar as histórias da vida do meu pai, situações envolventes de quedas de cavalo, pegadas de boi, enchentes e travessia a nado, tantas e tantos que emocionam as crianças fazendo as vezes o efeito contrário, deixando-as eufóricas com as aventuras do vovô. Observo na admiração destas crianças, aquela mesma felicidade daquelas crianças das tardes saudosas do velho alpendre da Piçarra. Vejo que o saudoso Antônio da Piçarra, mesmo “in memorium”, continua muito eficaz naquela que foi a maior arte de sua vida, a arte de encantar pessoas e conquistar amigos”.

SEGUNDA PARTE
(SAGA DO VAQUEIRO)

Responsário de Santo Antônio

Se milagres desejares
Recorrei a Santo Antônio
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais

Recupera-se o pedido.....
Rompe-se a dura prisão
E no auge furacão
Cede o mar embravecido
Se moderam, se retiram
Digam-nos os paduanos.

Glória ao Pai, ao filho e ao Espírito santo.
Rogai por nós, bem aventurado Antônio
Para que sejamos dignos das suas promessas de Cristo.

Oremos
Ó Deus, nós vos suplicamos que alegre a vossa Igreja,
A solenidade motiva do bem, aventurado Antônio, vosso confessor
E Doutor para que fortalecido com os espirituais auxílios merece gozar
Os Prazeres eternos. Por Jesus Cristo nosso senhor.
Amém.

Obs.: Enviado pôr Dona Maria Ivone Teixeira Rocha.

CAPÍTULO IX
(SECAS)

Antônio da Piçarra descreve a seca de 1915 nos seguintes termos segundo a sua visão à época:

- “A maior seca que já vi na minha vida, eu nunca vi outra tão grande. Na época da seca eu já tinha Junília nascida, tinha duas empregadas dentro de casa e mais uma velha. Essa que era minha mãe de leite, que o marido havia deixado ela e eu botei dentro de casa.”

Naquela época ninguém se preparou para o pior, não guardando os legumes em silos ou armazéns. Por sorte, Dona Antônia Bastos possuía um sítio na serra do Araripe que estava arrendado ,espécie de aluguel, por oito cargas de rapadura.

- “Eu recebia essa rapadura e vendia em São José do Belmonte. Tinha dois burros e dois cavalos, amarrava tudo e levava, lá vendia a rapadura e comprava milho que vinha de Sergipe e farinha de Pernambuco.” – dizia ele.

Antônio da Piçarra juntou o gado e os animais e levou para a serra do Araripe, mas lá também teve prejuízo, tendo que trazer de volta. Como o pasto tinha acabado, contratou um rapaz do lugar para dar rama de pé de juazeiro, plantação muito comum da Lagoa do Mato até o Boqueirão, local que naquele tempo era considerado também Piçarra. Último recurso para os fazendeiros da época.

Mas o sertanejo procura um caminho para as adversidades. Apareceu um comerciante em Macapá (hoje Jatí) chamado Coronel Gonzaga Gomes procurando esta cidade por que era considerado o centro de curtume do Ceará. Era um homem muito rico e veio comprando tudo que era couro de animal . Chegando no Jatí ele contrata todos os curtidores de couros. Os homens andavam no meio das fazendas da região procurando as vacas mortas de fome para tirarem o couro.

- “Eu também trouxe muito couro pro Macapá. Quando vinha do meu comércio de Belmonte eu comprava nas feiras. “- diz Antônio.

Neste ano a moagem de cana de engenho tão famosa, não aconteceu. A cana morreu toda e os animais escaparam comendo a palha seca do canavial.

Morreu também muita gente. Quem escapou foi a base do piquí que iam buscar na serra do Araripe, também a macauba e a mucunã serviam de alimentação.

Só em 1919 foi que teve outra seca grande, porém não tanto quanto a de 1915. O sertanejo aprendeu a conviver com o fantasma da falta de chuvas guardando nos armazéns alguns legumes. Salienta-se também que em 1917

teve um dos melhores invernos na Piçarra e na região caririense.

Os Governos Federal e Estadual não se mostravam tão sensíveis aos apelos nordestinos. Assim Antônio da Piçarra descreve:

- “Nem se ouvia falar em ajuda do governo. Só em 1932 foi que veio um “Zé Américo”, que era um ministro da Paraíba, e fizera um campo de concentração no Crato. Mas só foi pro povo morrer. O povo foi enfraquecendo, deu febre e diarreia em todos. O campo de concentração, era no distrito do Burití. Daí em diante o governo vem sempre ajudando até de maneira errada porque tá viciando o povo, pois tá dando de graça. Sem o povo trabalhar, ele vivia encurralado e morria. O governo deveria ajudar o povo a construir açudes, cercas e estradas. Devia ensinar a pescar e dar o anzol, nunca dar apenas o peixe.”

Estes campos de concentração ainda geram muitas controversas nos nossos dias. Foram criados vários em todo estado, sendo o mais conhecido o do município de Quixeramobim. Corriam boatos que nestes campos existiam trabalho escravo.

CAPÍTULO X
(VIDA DE VAQUEIRO)

- “De roça eu não gostava muito, eu cultivava pouco. Meu prazer era ser vaqueiro.” - afirmava seu tonho.

Antônio da Piçarra começou a vida de gado em 1908. Foi quando começou a usar todas as vestimentas; os couros. Esta era a roupa que o homem do campo usava como defesa para não se machucar no manejo com o boi.

- “Eu me lembro de tudo, meu primeiro cavalo, minha primeira carreira. Para pegar o gado solto no mato.”

O vizinho Joaquim Cardoso, filho do ex-prefeito de Porteiras por 22 anos e o José Raimundo, mandaram fazer uns “couros” para dar de presente a um sobrinho, só que este era muito moço e não tinha vocação para o “campo”. Antônio da Piçarra andava com uns “couros” velhos e soube dessa história destas vestimentas novinhas e sem uso, correu para dizer ao amigo Antônio Pinheiro que logo foi se informar se ele vendia.

Com a afirmativa da venda, Antônio da Piçarra procurou seu pai para fazer um “trato”:

- “Eu vou para a escola aprender a ler e escrever uma carta e o senhor me dá um cavalo todo arriado!”

Aprendeu a ler em poucos meses, com doze anos, motivado pela promessa feita pelo seus pais de ser o responsável pela administração do gado da fazenda da Piçarra.

O cavalo “arriado” era a denominação que se dava ao animal com todos os arreios, isto é, sela, cabeçada, cabresto e as roupas do vaqueiro.

Recebendo o dinheiro do pai, Antônio da Piçarra compra os couros por hum mil e quinhentos tostões. Foi buscar as vestimentas com Antônio Pinheiro, fechado o negócio, regressa os dois pela localidade de Custódio, região cheia de mata fechada e de bom proveito para derrubada de bois.

Antônio Pinheiro teve a idéia:

- “Vamos logo pelos bebedouros que lá sempre tem gado e nós já inaugura os couros.”

Quando chegaram no dito bebedouro já estava cheio de gado, escolheram um touro mestiço dentre os demais. Daí então começou a corrida atrás do animal. O cavalo era bom, Antônio da Piçarra sentia-se no céu.

Mais adiante a ponta de uma árvore chamada “quebra-faca” bateu no gibão que rasgou e deixou as vestimentas novas pendurado no cavalo. Pararam o cavalo e observaram que aquilo não tinha conserto.

- “Eu fui logo chorar, eu tinha uns doze anos, era muito menino para entender aquilo que aconteceu.”

Ao chegar em casa, fizeram o conserto, mas não teve jeito. Durou muito pouco. Como Antônio da Piçarra estava indo para a escola, vinha a recompensa do pai que tinha mandado fazer outro novo.

A vida do vaqueiro tinha uma rotina que começava de madrugada. Antônio da Piçarra ia acordar Antônio Pinheiro bem cedo.

- “Homem, você veio me acordar uma hora dessas para tirar leite, ainda tá escuro, você é maluco.” - reclamava Antônio Pinheiro.

Antônio da Piçarra era quem colocava o bezerro no curral para a ordenha e Antônio Pinheiro era o responsável pela revenda do leite das vacas. Isso até aprender o ofício de “tirar leite”. Fez isso até os 82 anos de idade.

Acordava as quatro horas da manhã, tirava o leite e ia levar as vacas para o mato onde o gado pastava. Os bezerros ficavam presos no cercado. Nesse tempo tinha um morador chamado Rafael que era marido da mãe de leite de seu Antônio. Rafael era o melhor aboiador da região, não era vaqueiro.

- “Quando faltava alguma vaca ele subia no mourão do curral e aboiava, um aboiado bonito, e a vaca respondia lá nos altos. Quando a gente dava fé a vaca chegava.”

O bom era as “pegas de boi”, correr atrás dos animais. Isso acontecia quando um animal fugia ou fosse para ser vendido.

- “Quando era mês de maio tinha a pega de boi manso. Em 1910, o meu pai fez o engenho puxado a boi e eu já era vaqueiro. Eu e Mané Cazuzza era quem ia pegar os bois para moer no engenho da Piçarra. O boi manso depois de algum tempo se tornava arisco e fugia porque sabia que era procurado para o trabalho de tração.” Lembra Antônio.

Nesse tempo o gado não tinha muito valor. O acerto com os vaqueiros era na base de “quatro pra um”, isto é, de cada quatro bezerros que nasciam, um era do vaqueiro. Quem não gostava da agricultura ia seguir a carreira de vaqueiro. Os melhores que passaram pela Piçarra foram Zé do Rio e Zé Domingo.

Naquele tempo existia um sistema de criação de animais diferente de hoje. No inverno o gado ficava perto de casa, nas vazantes. Quando era seca, acabava o pasto e o gado era transferido para a serra. Com a chegada do inverno tinha “a pega do gado”, que era quando reuniam um grupo de

vaqueiros para trazerem os animais . O gado de seu Antônio era levado para o sítio São José perto da cidade de Jardim, bem em cima da serra do Araripe.

Toda “pega de gado” era festa grande. Faziam-se as vaquejadas como descreve Antônio da Piçarra:

- “Aí na vaquejada eles juntavam uns trinta vaqueiros, eu ia pra casa da mãe de Né Vieira, ela era irmã do meu sogro, por parte de pai, irmã de Franco por parte de mãe. Eu ia pra serra com a vaqueirama de madrugada.”

O Franco Pinheiro era considerado primo , irmão e amigo.

CAPÍTULO XI
(ACIDENTE DE VAQUEIRO)

Antônio da Piçarra gostava muito de falar das suas proezas e acidentes que teve durante a vida de vaqueiro.

- “Eu só tô vivo porque Deus quer, pois eu já enfrentei muitos perigos na vida. Deus sempre me protegeu.”

Em 1938, aos 42 anos de idade, chega um vaqueiro da fazenda do senhor Augusto Rosendo, de nome João Lola, montado em um cavalo “cardão rupado” apelidado de “águia branca”. O dito João Lola contava uma história de um boi do senhor Miranda que estava invadindo todas as fazendas de roça e comendo o milho plantado. Antônio da Piçarra se enfurece e fala:

- “João Lola, esse teu cavalo é brabo?”

- “Padin Toin esse cavalo é cabresteiro. Pode notar que ele é bem mansinho e com gado é ligeiro.” - afirma João Lola.

- “João Lola, me empreste esse teu cavalo pra eu ir buscar um boi ali?” - pede Antônio.

- “O senhor não quer que eu vá não?” - diz João Lola

- “Não João, fica aí em casa que eu vou.” - decide Antônio.

Antônio da Piçarra pega o cavalo na vazante, aonde ele se alimentava, selou o animal e nem colocou os couros. Foi correndo pegar o bicho bravo. Ao chegar no mato, logo avistou o boi. Tirou o boi do mato, chegou em uma estrada reta, “no limpo”. Começou a carreira e ao abrir o cavalo para derrubar, o cavalo toca as patas com a do boi e caem todos: Antônio da Piçarra, o cavalo e o boi. Antônio se levanta com muito sacrifício e notou que havia quebrado duas costelas. Antônio não estava acostumado com estas adversidades da vida de vaqueiro.

- “Eu quebrei a clavícula e duas costelas. Me montei com o maior sacrifício e quase num chego em casa. Quando já ia chegando, Lulu meu filho mais velho avistou de longe e começou a gritar que eu estava machucado, pois vinha muito devagar. Como de fato eu não andava, somente galopava. Aí eles vieram correndo e perguntando o que é que tinha acontecido comigo e eu falei que o braço tava morto. Quando cheguei em casa fui curar a cantareira e as costelas. Fiquei com o braço na tipóia até curar.”

Outra história foi quando “das pegadas de gado” na serra do Araripe. Antônio da Piçarra sempre era o mais empolgado, ele relembra sempre o que Antônio Vieira dizia:

- “Ô condenado, tu se apronta antes de todo mundo. Quando o povo

pensava em montar, tu já tá é montado.”

Reunia sempre um grupo de várias regiões. Era o Né Roseno ; Os Bentos dos Currais; Os Cartaxos de Mauriti; Antônio Furtado de Milagres; os Bacamartes do Jardim, Jamararu, Missão Velha, Abaiara, etc.

Numa dessas juntas de boi, Antônio Furtado faz um desafio para Antônio da Piçarra:

- “Seu Piçarra, vou colocar mais um boi pro senhor derrubar.”

- “Não bote mais não que eu estou enfadado e o meu cavalo tá cansado.” - diz Piçarra.

- “Só mais um, Piçarra”. - insiste Furtado.

- “Homem, eu vou acabar quebrando este diabo.” - diz Piçarra já enfurecido.

- “Se quebrar não tem nada, fica por minha conta.” - diz Furtado dando o parecer final e um tudo bem concordando.

Antônio da Piçarra parte atrás do boi fazendo “pareia” (dupla) com Bacamarte e quando puxa o rabo e derruba o boi escuta só o estalo. Quando o boi quis se levantar, não conseguiu.

Aí Furtado mandou um portador lá na casa do sítio chamar Joaquim Marinho e Minervino pedindo para trazerem dois burros que ia matar esse boi e levar a carne pra casa. O boi morreu no benefício, no serviço, e a carne foi para os vaqueiros comerem. Foi uma grande festa.

Destas atividades foi que começaram a surgir as vaquejadas das cidades, porém como esporte. Hoje cada vez mais se profissionalizando através de federações locais.

No estado do Ceará possui a FEVACE (Federação dos Vaqueiros Amadores do Ceará) que organiza circuitos pelas cidades do interior cearense. Vários filhos e netos de Antônio da Piçarra seguem este ofício, porém somente por esporte.

CAPÍTULO XII
(HISTÓRIA DE BOI)

Começamos com a história do boi moreno. Este era um boi do “véi Quinco Chicote”. Antônio da Piçarra, Antônio Pinheiro e Zé Domingo sempre amansavam os boi do “véi Quinco”. Toda moagem do engenho trazia de 10 a 15 bois para amansar. Numa dessas moagens trouxeram o boi moreno.

O boi moreno trabalhou durante toda a moagem e depois desapareceu. Antônio da Piçarra estava noivo e foi a Brejo Santo para participar da festa do Coração de Jesus. Na festa encontra os vaqueiros Inácio e Ricardo que traziam a notícia de um boi rondando pela fazenda Queimada do Meio. Seu Antônio da Piçarra planeja:

- “Eu vou prá festa e amanheço o dia aqui, visto os couros e vamos atrás do boi. Não se preocupe que sou de palavra.”

De manhã, após selar o cavalo, começa a caça ao “moreno”. Ao chegar nas queimadas, Antônio avista o boi na beira do açude. Após algumas carreiras o boi foi laçado e logo colocado a “careta”, após isso foi levado para a Lagoa do Mato. Ali receberia os parabéns por mais uma vitória. A careta é uma fenda de couro colocada na testa do animal para melhor transportá-lo.

Tem também a história do “boi coração “. Ele tinha esse nome devido a uma mancha branca no meio da testa, que lembrava a forma de um coração.

A história começa quando se encontravam Antônio da Piçarra, Compadre Pereira e o vaqueiro João Lino para pegar bois mansos. Bois mansos ou bois de arrasto são os que costumavam fugir do trabalho pesado e de muito esforço que lhes esperavam nos engenhos de cana-de-açúcar, nas tarefas de puxar os carros de bois e de puxar madeiras pesadas . Os bois mansos eram do coronel Basílio das Queimadas. Os três seguiram em direção ao açude cajueiro, na ponta da serra. Essa era a tática dos vaqueiros: encostar na beira de um açude, tirar as celas e ficar esperando os bois na hora que costumavam beber. E assim foi feito.

Poucas horas depois descem várias vacas e o “boi coração “ no meio delas. Colocaram as selas nos cavalos e partiram atrás do animal. O boi era inteligente e logo correu pelos carrascos ,árvore típica do sertão , pôr trás da fazenda Lagoa dos Paus e a vaqueirada atrás. Depois de duas horas de carreira, o boi desaparece no meio do mato. Os vaqueiros estavam morrendo de fome e de sede. O cachorro já não suportava andar e estava cansado de tanto latir atrás do boi coração.

Quando observaram, já estavam perto da fazenda Lagoa do Mato,

na casa de um morador chamado “Tuniquim”. Antônio da Piçarra gostava muito de ir na casa de Tuniquim pois ele tinha duas filhas muito alegre e bonitas.

Antônio da Piçarra chega calado, tira a sela do cavalo e deita no chão, fazendo dela um traveseiro. Tuniquim fala:

- “Seu Pereira o que tá havendo com esse moço que quando chega aqui é tão alegre, mexe com as moças e hoje tá tão triste?”

- “Isso é fome, que nós pegamos um cafezinho magro nas Queimadas. Deixamos os alforjes no galho de um cajueiro e corremos atrás de um boi até agora. “- diz Pereira.

- “Homem, mas não é possível um negócio desse. Deixe eu ver se lá tem alguma coisa.”

Tuniquim se dirige à cozinha de sua casa e volta logo perguntando querendo brincar:

- “Tem um rapaz solteiro. Vocês querem?”

Aí Antônio da Piçarra pergunta:

- “Que diabo é isso de rapaz solteiro?”

- “É feijão sem farinha.” - diz Tuniquim caindo na maior gargalhada.

Eles dividem o prato com os vaqueiros e deixam um pouco para o cachorro que também já estava para morrer de fome.

O boi ficou muitos dias andando da Lagoa do Mato para o pasto da fazenda Serrote, desafiando à todos. Era um boi teimoso.

Quando um dia, na feira do Brejo Santo, Antônio encontra Zé Ferreira, irmão de Antônio Ferreira, famoso porque pegava touro correndo a pé e dispensava montaria à cavalo, marcaram logo terça-feira para irem atrás do boi coração.

Partiram os dois. Antônio observa o Zé Ferreira levando uma corda de laçar muito fina no ombro e pergunta:

- “E essa corda?”

- “É pra eu botar no boi quando você derrubar. Você derruba e antes dele se levantar eu passo a corda.”

Antônio da Piçarra responde:

- “Zé, na terra em que um homem a pé, botar a corda num boi que eu derrubar, eu deixo de ser vaqueiro e queimo meus couros.”

Eles pararam na beira da lagoa para esperar o boi. A lagoa havia secado muito, era pleno mês de setembro e o calor estava de torrar. Logo o boi

chega e Zé Ferreira começa a armar o plano:

- “O boi é muito corredor, vamos deixar ele beber água e ele fica com o bucho cheio e não vai conseguir correr tanto.”

Este fato é considerado como uma verdadeira experiência de um bom vaqueiro: deixar o animal beber muita água para não conseguir correr muito.

Antônio da Piçarra não gosta da idéia:

- “Que história é essa, meu cavalo é bom e eu tenho um par de esporas afiadas e eu não sou homem de deixar um boi beber pra depois pegar.”

Mesmo assim aceita a idéia desenvolvida pelo José Ferreira para provar que ele estava errado.

Quando o boi passou, os dois partiram atrás. Ao correrem 100 metros o cavalo tropeça no barro seco da lagoa e cai. Antônio da Piçarra se levanta com o cavalo e observa a cía da sela quebrada. Ele improvisa uma corda da garupa, monta no cavalo e logo corre pra acompanhar o boi. Lá na frente encontra o boi amarrado no chão e Zé Ferreira ao lado. Antônio da Piçarra pergunta assustado:

- “Filho d’uma égua e tu já pegou o boi, como tu fez?”

- “Seu Tonho, eu peguei na carreira. Agora vamos queimar os couros.” - diz Zé Ferreira desafiando a aposta feita.

- “Só em casa!” - responde Antônio da Piçarra.

Daí em diante todas as vezes que os dois se encontravam, Zé Ferreira provocava:

- “Seu Tonho, cadê os couros, já queimou?”

CAPITULO XIII
(BOLLAVRADOR)

Todo animal tinha seu nome, era uma tradição nunca quebrada. Eram vários os tipo de nomes: cabrinha, senador, venturosa, priquitinha, viçosa, zabelê e tantos outros. Todos tinham seus motivos e sempre respeitados.

O boi lavrador foi outro que fez história por desafiar os vaqueiros da região. Quando um boi era difícil de pegar, logo se espalhava a notícia por todo o sertão e o boi virava uma lenda. Virava um verdadeiro desafio de quem seria o melhor vaqueiro da região.

Certo dia Antônio da Piçarra foi a uma festa na Lagoa do Mato e pediu emprestado um cavalo a Antônio de Souza, deixando seu cavalo descansando para ir atrás do boi lavrador pela manhã com o compadre Manoel Cazuzza. Este reclamava o tempo todo do procedimento de Piçarra:

- “Homem tu vai é demorar nessa festa e nós amanhã não vamos dar conta de pegar o lavrador.”

De madrugada, no auge da festa, quando Antônio da Piçarra preparava para ir embora, era contido pelas dançarinas, pois era considerado o melhor pé de valsa da região.

Chega em casa de madrugada e acorda o amigo Graúna para ir pegar o cavalo na roça e selar. Antônio foi tirar a roupa da festa e vestir os couros de vaqueiro.

- “Tirei a roupa de gala e vesti a de gado.” - dizia orgulhoso.

Quando Manoel Cazuzza chega, já encontra Antônio todo pronto e se admira. Os dois partem ainda bem escuro. Chegando perto do município de Porteiras o sol já estava forte e dá a maior moleza e sono.

Quando já ia cochilando em cima do cavalo, Manuel Cazuzza batia no gibão com o chicote e logo despertava.

Chegaram perto da fazenda de Zé Ribeiro e se depararam com o boi. Com facilidade dominaram o danado. O boi estava com chocalho tapado pelo mato não fazendo barulho. Quando estavam botando a careta, o boi se levanta e solta da corda desaparecendo na mata.

Desanimados, os dois param embaixo de um pé de angico e dormem, acordando depois de muitas horas para comer rapadura raspada com queijo de coalho. Antônio da Piçarra comenta:

- “Se o boi aparecer aqui, nós paramos de comer para dar uma carreira nele.”

Quando se preparavam para comer, o boi aparece na frente deles como se desafiasse a dupla. Logo abandonaram a comida e correram atrás

do lavrador. Manoel Cazuzza estava em um cavalo que não podia ouvir grito. Antônio não parava de gritar para provocar o animal e o cavalo ficava maluco. Manoel gritava:

-“ Ô compadre, pelo amor de Deus não grite mais não!”

Mesmo com toda a gritaria, logo pegaram o boi e amarraram em um pé de juazeiro para o danado não se soltar. Depois voltaram para pegar a comida.

Lá de cima da serra, avistavam a luz da igreja. Era noite e tinha um casamento no Brejo Santo para Antônio ir e depois teria bebida e muita dança. Ele lamentava o tempo todo e Manuel Cazuzza provocava:

-“ Quero ver compadre tu ir hoje pra esse casamento... Quero ver tu ir namorar hoje.”

E realmente foi um casamento perdido, uma festa para lamentar a ausência do maior dançarino. Eles estavam exaustos, mas com o boi amarrado. Estavam ali: Antônio da Piçarra, os dois cavalos, o cachorro e o “ boi lavrador”.

Ouvia-se apenas os insetos. Nada de música e bebida. Tinha nada, haveriam outros casamentos e bailes na região que esperariam pela magia do pé-de-valsas da Piçarra.

CAPÍTULO XIV
(COMPRA DA PIÇARRA)

Antônio da Piçarra foi muito precoce em relação às mulheres e ao namoro. Nestes capítulos contaremos histórias das primeiras namoradas. As primeiras paixões que o transformaram e lhe deram fama.

Em 1910 o namoro sério era com uma moça chamada Lica. Ele tinha 15 anos. Foi nesta época que ficou pela primeira vez bêbado. Na verdade foi um “porre de cachaça”, onde Antônio da Piçarra descreve assim:

- “Era uma broca na Piçarra. Lá todos bebiam para suportar o fogo. Quando eu vinha de volta, parei na bodega da dona Maroca. Quando cheguei, bebi mais da conta e fiquei bêbado que nem uma cabaça. Fiquei cantador que nem canário.”

Broca significa derrubada do mato no tempo da estiagem para queimar e depois para fazer as plantações na época das chuvas. No dia da queima era costume formar um grupo grande de homens dispostos para brigar com o fogo, evitando que o mesmo se alastresse para as vizinhanças. Durante o fogo servia-se pinga da boa.

Nesse momento ia passando o amigo Branco que quis levá-lo para curar a bebedeira em casa, mas logo veio a recusa.

- “Eu não vou embora. Vou é beber. Beber mais e tirar gosto com tapioca.”

Depois de muita insistência, juntaram três homens e levaram Antônio carregado pelos braços, já que o mesmo não conseguia ficar de pé. Antônio no chão se limitava a gritar e berrar o mais alto possível.

- “Eu comi um prato de arroz com feijão e depois tomei umas oito xícaras de café bem amargo. Me deitaram na rede e daí a pouco me deu vontade de vomitar. Colocaram uma bacia e vomitei até amanhecer o dia, passei muito mal mesmo. Daí em diante passei muitos anos sem beber, enjoiei da cachaça.” - Relembra Antônio com uma indisfarçável vergonha ao contar.

Outra namorada era a morena Diolina. As famílias não queriam este namoro, por isso foi daqueles escondidos. Foi um namoro forte, mas sem ninguém saber ou desconfiar. Naquele tempo e naquela época existia muito desde tipo de romance.

- “Eu peguei essa namorada em um arraial. Morena jeitosa de peito e anca. Eu pegava o cavalo e ia me encontrar com ela no mato. Isso foi até eu casar, depois acabaram esses encontros.”

Antônio da Piçarra conheceu muitas mulheres e com várias chegou a namorar. Assim ele traçava o perfil da mulher ideal:

- “Mulher que tivesse peito e bunda eu gostava. Se não tivesse isso, pra mim era que nem homem.”

Sua sogra tinha uma cunhada com nome de Tereza, mais conhecida como Tetê. Ela não parava de olhar seu Antônio, que sempre ficava encabulado, meio sem jeito. Quando perguntava porque ela olhava, daquele jeito, ela respondia assim:

- “Porque ele é muito bonito. A pele dele nem toda mulher tem igual. Eu gosto do olhar dele.”

Dona Balbina foi a primeira professora com diploma de Brejo Santo. Um dia Antônio vai com dona Carolina, sua segunda esposa, fazer uma visita à professora. Dona Balbina empolgada pergunta ao casal:

- “A senhora Carolina é devota a Santo Antônio?”

- “Sou, porquê?” - pergunta Carolina.

- “Porque a senhora casou-se com dois Antônio, os dois mais bonitos da região e os dois da família Tavares. A senhora Carolina não acha que isso não foi obra do Santo Antônio?”

- “Acho mesmo.” - diz orgulhosa dona Carolina.

Outra boa história foi quando teve um casamento no município de São José do Belmonte, no estado de Pernambuco. Foi tudo acertado pelo compadre Zuzinha que os convidou para padrinhos: Antônio da Piçarra, Manuel Silva, Pedro Vidal, Moisés Bento, José Vidal e Antônio Vidal.

Antônio da Piçarra já estava casado com Carolina. Auto-conclamava-se um matuto que falava errado, mas não tinha vergonha de nada. Era sempre bem recebido em todas as cidades da região.

Depois do casamento resolveram dançar uma quadrilha e escolheram Manoel Lucas para organizar e puxar a festa. Só que o mesmo não conseguia marcar a quadrilha de São João. O bom marcador era aquele que grita durante a quadrilha direcionando os movimentos. Foi quando Manoel Silva falou aos berros:

- “Mané Luca, quer ver um cabra marcar bom? Dá aí o lugar a Antônio da Piçarra.”

Antônio da Piçarra se assusta:

- “Vou nada, eu aqui nas terras alheias.”

Depois de muita insistência ele aceita, mesmo com o medo por se considerar forasteiro. Então começou a animação e juntou muita gente pra brincar e outras pra olhar.

- “Quem é esse cabra?” - perguntam.

- “É do Ceará, é Antônio da Piçarra.” - responde animado o amigo Manuel Silva.

Nesse momento Antônio da Piçarra já dançava com a irmã da noiva. Foi quando uma professora chamou a mocinha e disse:

- “Chame aí esse moço pra eu dançar com ele.”

Logo a mocinha avisa a Antônio e ele fica assustado, vai ao encontro da professora já em galanteios e faz uma indagação:

- “Minha filha a honra é minha. Mas você é quem sabe, você é quem tá dançando comigo. Se você ceder eu tenho o maior prazer em dançar com uma moça bonita como ela.” – diz Antônio.

- “Eu cedo com gosto, ela é muito minha amiga.” – confirma a moça.

A professora já chega apertando a sua mão. Era sinal de que o caminho já estava aberto. Dançaram a primeira, a segunda e a terceira parte. Depois ela saiu atrás de Manoel da Silva para saber mais informações sobre aquele misterioso homem.

- “É Antônio da Piçarra, ele é um viúvo muito rico, dono de engenho e de muitas cabeças de gado lá no Ceará.”

Depois Manuel Silva procura Antônio da Piçarra e diz a estória que foi inventada e contada. Antônio não gosta e reclama:

- “Mas homem eu vou negar o meu estado? Eu vou dizer a ela que sou casado.”

- “Deixa de ser besta Piçarra, tira a noite com a professora. Eu já disse e tá certo”. - retruca Manuel Silva.

Quando os dois voltaram a dançar, ela pergunta e Antônio confirma a viuvez dizendo que tem dois filhos crianças. Aí passaram a noite dançando e namorando até pela manhã.

Quando iam embora, Antônio resolveu se despedir da professora e contar toda a verdade.

- “Eu estou de viagem e vim me despedir e dizer que eu sou ... sou casado pela segunda vez.”

A professora ficou triste e começou a chorar pela decepção de se apaixonar por um homem proibido. Na verdade era um amor impossível. Depois disso não mais voltaram a se encontrar.

- “Pois é, eu não queria lhe enganar não, me perdoe. Adeus.” - desculpa-se Antônio.

Reuniram-se os amigos e partiram para o Ceará, todos a cavalo. Lá na frente encontraram uma mercearia bem na Malhada - Grande. Então beberam e em seguida partiram.

Na viagem, Antônio adormece em cima do cavalo e cai de testa na areia. Os outros pulam e perguntam:

- “O que foi Piçarra?”

- “Eu sonhei que tava tomando banho no açude da Piçarra.”

Aí todos riram muito. Depois disso, toda vez que se encontram vem a lembrança e as brincadeiras. Nunca faltava a pergunta:

- “E aí Antônio, ainda tomando banho no açude da Piçarra?”

CAPÍTULO XV
(MULHERES)

O senhor José Dantas e a dona Rosa Tavares, pais adotivos de Antônio da Piçarra, adquiriram a fazenda Piçarra em 1892. Daí começa a tradição e a seqüência desta fazenda na família Teixeira.

Em 1916 morre o senhor José Dantas. A fazenda fica entregue ao irmão adotivo de Antônio: O senhor José Luiz. Nesta época o senhor Antônio da Piçarra já morava na fazenda Urubu, vizinho a Piçarra.

Em 1921 José Luiz vende a Piçarra a Manoel Rosendo, conhecido por Né Rosendo, no valor de quatro mil contos de réis. Como Né Rosendo não tinha planos de investimento, oferece em forma de arrendamento (aluguel) a Antônio da Piçarra durante um período de três anos, com pagamento anual de trezentos contos de réis como forma de parcelas do aluguel.

Depois dos três anos chega a época de devolver a Piçarra. Antônio procura Né Rosendo pra pedir preferência de compra ao proprietário. Rosendo informa da vontade de vender a fazenda Piçarra, porém cobra alto: dez mil contos de réis. Depois de várias discussões, chegam a um acordo: Antônio adianta quatro mil contos e parcela os outros seis mil contos de réis dependendo das possibilidades e lucros da fazenda neste período.

Antônio da Piçarra compra a fazenda e começa a trabalhar ininterruptamente para completar e ultimar o pagamento total, quitando a dívida e a palavra com o amigo Manuel Rosendo.

Comprava rapadura ao próprio Manuel Rosendo em um engenho da cidade de Porteiras e ia vender nas feiras de Brejo Santo e Macapá, hoje Jatí, nos finais de semana.

Procura todo o tipo e modo de arrecadar dinheiro; inclusive vendendo sua melhor vaca por vinte contos de réis. Na verdade o importante era honrar o nome e a palavra dada.

Através de parentes da sua mãe, em Missão Velha, a tradicional família Dantas Canário, faz um contato com o fazendeiro José de Lima. Este cede vinte vacas com bezerros para Antônio cuidar no sistema de gado da sorte “quatro para um”. A cada bezerro nascido destas vacas, três era de Zé de Lima e uma de Antônio Piçarra, e além disso Antônio Piçarra ficava com o leite e os produtos derivados deste.

Quando comprou a fazenda Piçarra, assim ela se encontrava: um engenho de cana de açúcar, um grande açude que estava estourado, um baixio de cana, uma casa velha grande, uma casa de taipa pequena e um carro de boi. Uma das primeiras obras foi uma reforma total no engenho de

ferro que ficou ativado até 1971, quando derrubou tudo para transformar em vazantes de capim com a finalidade de criação de gado.

- “Só saí da Piçarra durante dois anos. Morando no Brejo Santo, mas só vivia aqui e saí durante três meses para uma viagem a São Paulo. O resto foi todo aqui na Piçarra onde nasci, vivi e quero morrer.” - sempre afirmava Antônio.

Com o terceiro casamento e a chegada da rodovia BR 116, Antônio resolve transferir a nova moradia de perto do engenho para perto do asfalto. Assim, constrói a nova moradia. A Piçarra fica dividida a partir daí em duas: A Piçarra velha do engenho e a Piçarra nova da rodagem. É nesta Piçarra nova que Antônio constrói a sua terceira família. E mora até o dia da sua morte em 31 de agosto de 1994.

TERCEIRA PARTE
(SAGA DO CANGAÇO)

SAGA DE ANTÔNIO DA PIÇARRA
- DE PADRE CÍCERO A LAMPIÃO -

Brigando arresmo,
Lutando com garra,
O sertão conheceu um braço forte.
Marcante pôr sua real coragem
E aquela infinita vontade de vencer.
Para ele não existia barreiras,
Tudo era possível, como alcançar,
Braços se curvavam aos seus pés.

E o tempo passou....
Restam lembranças e recordações,
Que sempre serão lembradas neste sertão.
Restam também respeito e admiração.
Pois é Piçarra.....
Naquele velho tempo
A gente podia viver!

Texto tirado do livro “Receitas de uma nova Poesia” de Eusébio Teixeira.

CAPÍTULO XVI
(CONHECE LAMPIÃO)

O senhor Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente como Lampião ou Capitão Virgulino é um capítulo à parte na vida de Antônio da Piçarra. Nascido no dia 7 de julho de 1897 na antiga Vila Bela (hoje Serra Talhada), no vizinho Estado do Pernambuco, Lampião foi um personagem nacional ímpar.

Para uns considerado um herói ao tentar mostrar o comportamento de um “Robin Hood” brasileiro, ao tomar dos ricos, destruindo-os e distribuindo aos pobres. Para outros um líder e uma perspectiva de vida e luta. Mas para muitos, Lampião foi considerado o mais sanguinário e o mais desumano ser vivo que o Nordeste teve na sua história. Portanto uma das figuras mais controversas da nossa região.

Morando em uma fazenda no centro do Nordeste, às margens de uma estrada movimentada e que levava a Meca nordestina, Juazeiro do Padim Cicho, Antônio estava muito exposto a todos os cangaceiros e romeiros que transitavam nas divisas dos estados do Ceará, Pernambuco, Alagoas e na Paraíba.

Poucos nordestinos tiveram sua vida tão discutida e detalhada em livros e enciclopédias, declamado em versos, letras musicadas, paixões e o ódio como Virgulino Ferreira da Silva. Nem o próprio esperava que chegasse ao nível que alcançou. Lampião não tinha noção da sua força.

Muito astuto, Antônio contava curiosidades de Lampião, como a tática dele próprio fabricar suas sandálias com o salto na frente. Isso era usado para esconder os passos pôr onde passava despistando a polícia que iam no sentido contrário do usado pelo capitão Virgulino.

A introdução de Antônio da Piçarra como coiteiro de Lampião, começa com a primeira questão em que participou: a briga com Horácio Novaes, um valentão da cidade de Floresta em Pernambuco.

Isto acontece por volta de 1925 quando o dito Horácio Novaes, Pernambucano, mas morando na cidade de Porteiras, briga com Franco Pinheiro. Este primo de Antônio e então prefeito daquela cidade.

Horácio Novaes pratica um crime matando um morador das Porteiras e é perseguido pelos policiais desta cidade a mando do prefeito Franco Pinheiro. Horácio foge para sua cidade natal, Floresta. Lá forma um bando com Lampião e manda avisar que voltará para queimar a fazenda Canoa de propriedade de Franco.

E pouco tempo após ele cumpre a ameaça ao atear fogo na localidade

de Canoas. Ele não esquecera.

Quando começa o incêndio, um vaqueiro que ia passando viu o fogo e corre para avisar a Antônio da Piçarra. Ele se arma e vai correndo para a cidade com a finalidade de avisar a Franco do fogo na fazenda. Quando chegaram, os bandidos já haviam fugido e o fogo tinha destruído tudo. Era a maior tristeza, uma fazenda tão bonita e destruída por instinto de vingança.

Um mês depois Antônio recebe uma carta de Horácio pedindo uma grande quantia em dinheiro, dez mil contos de réis (o valor da sua fazenda) e que em caso negativo ele queimaria a Piçarra, assim como fez com a fazenda Canoa. Era muito dinheiro. Antônio da Piçarra, aconselhado pela mulher resolve ir pedir conselho ao Padre Cícero na cidade de Juazeiro do Norte. Naquela época todos pediam opinião e conselhos ao Padim Ciço quando tinham que tomar decisões. Depois de ouvir toda a história, Padre Cícero fala:

- “Pois você chegue em casa, faz uma carta pra esse cangaceiro Horácio dizendo que não pode pagar. Invente de uma compra e diz que não tem dinheiro agora, ou melhor, diz que está pagando a propriedade e diz que não quer intriga com ele. Diz que não tem nada a ver com a briga dele com Franco.” – aconselha o Padre Cícero.

- “Mas meu Padim, fui eu quem avisou a Franco do incêndio na propriedade dele, saí em perseguição com mais quinze homens armados. Ele sabe de tudo, até do meu parentesco com Franco.” - insiste Antônio.

- “Mas aí você diz que você não sabia que era ele. Se soubesse não tinha ido, você pensava que eram outros cangaceiros.” - sugere o Padre Cícero em tom bem apaziguador.

Como se tivesse uma visão de futuro, o Padre Cícero coloca a mão na cabeça de Antônio e diz em forma de orientação e muita fé:

- “Não venda a sua fazenda, fica lá. Você vai morrer velhinho na sua casa, ninguém vai lhe matar.”

Antônio volta a Piçarra e manda uma carta a Horácio por uns cabras lá na fazenda Riacho do Navio, gente valente também do cangaço. Estes tinham contato fácil com Horácio Novaes.

Naquele tempo todo nordestino procurava o padre Cícero para pedir conselhos e principalmente abrigo. Dois tios de Lampião, perseguidos pela polícia de Pernambuco, viajam para Juazeiro do Norte com a finalidade de pedir apoio. Foi aí que o astuto Padre lembrou do caso entre Antônio e

Horácio: A ameaça de Horácio em tocar fogo na fazenda Piçarra porque Antônio saiu no percalço perseguindo-o quando este tocou fogo na fazenda do primo Franco Pinheiro.

O Padre Cícero viu que de uma atitude única resolveria vários problemas e manda uma carta para Antônio solicitando que ele receba os dois casais com os seus filhos. Antônio dar moradia e contrata este pessoal como rendeiros associando a idéia do Padre Cícero que uniu o útil ao agradável.

- “Eu fiquei até satisfeito, porque eles sendo primos de Lampião, Horácio o chefe do bando, num iam mais me perseguir porque Lampião era o elemento mais importante depois de Horácio.” - pensava Antônio.

Dito e feito. Horácio esquece toda a desavença com Antônio. Pôr insistência da família, Horácio decide deixar a vida do cangaço e vai embora para o estado do Mato Grosso. Local longe e lá era um desconhecido. Horácio passa o comando do bando para Lampião que passa a ter mais prestígio. Lampião já tinha muitos amigos influentes: coronéis, fazendeiros, políticos, etc. que o protegiam. Naquele tempo passou ser vantagem ser amigo de Lampião.

Lampião sempre ouvia falar pôr intermédios dos tios que lá morava, boas informações sobre Antônio, que era um bom patrão e um bom companheiro. Lampião tem a iniciativa de enviar uma carta dizendo que o admirava e que gostaria de conhecê-lo. Antônio deu a resposta que o receberia de bom grado na fazenda Piçarra. Isso era em janeiro de 1926. Dois meses depois, em março do mesmo ano, chega Lampião com uma tropa de mais de cem cangaceiros. Foi a maior festa, Antônio matou um boi grande , carneiros, porcos, perus, mandou cozinhar sacos de arroz e feijão (lavra da própria fazenda) e foi animação durante todo o dia para celebrar esta nova amizade, tudo sobre o som de uma sanfona de oito baixos.

Chega Lampião à fazenda Piçarra e é assim que Antônio descreve a sua fisionomia:

- “Lampião era moreno danado, chapéu, de couro quebrado adiante e atrás, cabelo grande que passava para fora do chapéu do tipo cacheado, usava óculos branco e tinha um olho perdido. Mas de presença boa, me deu um abraço forte.”

Naquela época era costume de todo nordestino que trabalha na roça fumar cigarro, o usado era da marca “Caxias”, cigarro do bico fechado que

tinha bem menos nicotina que os de nossa época. Já fazia alguns anos que Antônio tinha deixado de fumar, Lampião oferece um maço de presente e pede:

- “Eu peço a você só esse pedido, fume esse cigarro para você sempre lembrar de mim, e também vou deixar este rifle de papo amarelo para fechar nossa amizade.” - convence capitão.

Diante deste fato e desta visita Antônio fica sendo mal visto pela polícia e pelo governo do estado.

CAPÍTULO XVII
(COLUNA PRESTES)

Antônio da Piçarra ameaçado de morte pelas volantes, denominação dada aos contingentes policiais itinerantes ou macacos como chamava Lampião, já então mais dona do sertão do que o próprio Lampião, foi convencido pelo astuto e paciente Tenente Arlindo Rocha, da polícia pernambucana, a ficar do seu lado. Essa atitude vinha sendo tomada pôr todos os protetores e coiteiros de Lampião nos estados nordestinos pôr onde andava o grande líder dos cangaceiros. Essa era a ordem e a pressão do governo federal que se sentira traído pôr Virgulino Ferreira quando lhe patenteou como capitão e foi dado patentes militares aos seus homens com a finalidade de combater o gaúcho Luís Carlos Prestes, que tinha formado uma coluna revolucionária com peregrinação em todo o país.

Luís Carlos Prestes, conhecido como o “ cavaleiro da esperança “, nasceu em Porto Alegre no dia três de janeiro de 1898. Engenheiro pela Escola Militar do Rio de Janeiro, foi um dos líderes do movimento Tenentista que na década de vinte organizou a revolta dos jovens militares contra o sistema político nacional vigente.

E porque Lampião não foi combater a coluna Prestes? Porquê quando Prestes subiu, desde o Rio Grande do Sul, tentando convencer as pessoas a derrubar o governo federal que possuía um sistema injusto de administração, considerado pôr ele, tentando através dos grotões criar uma grande frente e tomar o país pela revolução, chega no sertão nordestino ávido de heróis e justiceiros. Prestes cada vez mais atraía seguidores. Lampião achava correto o movimento criado pelo o gaúcho e queria incentivá-lo.

Quando chega ao Nordeste, Lampião espalha que vai combater a coluna Prestes como estratégia para ser observado pelo governo federal. Este, pôr sua vez, foi aconselhado pêlos estrategistas a perdoar todos os crimes de Lampião e atraí-lo para o seu lado. E era isso que Lampião queria, uma armadilha para os “ macacos”.

Agora entra a figura do Deputado Federal Floro Bartolomeu Batista, um baiano radicado em Juazeiro do Norte e homem de confiança do Padre Cícero, que chama Antônio da Piçarra para conversarem. Nessa conversa o Padre Cícero e o deputado Floro Bartolomeu mandam, pôr Antônio, correspondência para ser entregue a Lampião. Nesta carta convidam Lampião para comparecer a Juazeiro do Norte com a finalidade de se aliar ao governo federal e receber sua patente. Esta condecoração foi coordenada pelo chefe das forças armadas do Brasil para patentear Lampião como capitão e os seus cangaceiros como soldados e cabos, sendo que o seu irmão Antônio Ferreira fica como primeiro tenente

e Sabino assume segundo tenente. Este fato aconteceu em março de 1926 e Lampião permaneceu pôr três dias com o Padre Cícero, juntando o seu bando, com mais de quarenta homens, ao grupo conhecido como o “batalhão patriótico”.

Lampião também recebe armamento moderno e muita munição para destruir a coluna Prestes. O Capitão Virgulino aproveita esta oportunidade, arma todo o seu grupo, fica cada vez mais forte e vai atrás de sua verdadeira missão e obstinação: vingar-se dos seus antigos inimigos.

O governo se sente menosprezado, ser enganado pôr um analfabeto, pôr um bandido, porém um estrategista. A partir daí vem ordem federal para acabar com Lampião de qualquer maneira. Começa a prender e matar todos os coiteiros, protetores, amigos, enfim, todas as pessoas ligadas a Lampião eram convidadas a mudar de lado ou morrer. Foi assim que começa a maior perseguição do governo do estado do Pernambuco e do Ceará a Antônio da Piçarra pôr ser este o maior protetor de Lampião no sul cearense, na divisa com o Pernambuco.

Um provável conflito entre Lampião e Luís Carlos Prestes não chegaria a acontecer. Na verdade a única batalha da Coluna Prestes no Ceará aconteceu na madrugada do dia 14 de janeiro de 1926 na cidade de Crateús, distante 354 quilômetros de Fortaleza, divisa com o estado do Piauí.

Em outubro de 2001 foi inaugurado na cidade de Crateús o “Centro de Documentação sobre a Coluna Prestes” exatamente no mesmo local onde os revoltosos mantiveram o contato inicial com a população de Crateús. Este prédio foi tombado como patrimônio municipal.

Durante quase três anos a Coluna Prestes percorreu parte do interior do Brasil. Já no final de 1926, com grande número dos homens dizimados pela cólera e se sentindo sem condições de batalha, Prestes foge para a Bolívia, depois fixando morada na Argentina.

Nessa época, o Presidente da República era Artur Bernardes que não compareceu para entregar as patentes em Juazeiro do Norte. Mesmo assim, comenta-se que estas patentes só tiveram valor enquanto Lampião e seu bando estavam na região do Cariri Cearense, pois ao chegar ao vizinho estado de Pernambuco, o cangaceiro foi recebido à bala pelo Tenente Arlindo Rocha. (Meu bisavô paterno, avô do meu pai).

E em uma noite de segunda para terça-feira do dia 26 de março de 1928, noite chuvosa e cheia de relâmpago, acontece o episódio que marca toda a vida de Antônio e destrói a grande amizade com o Capitão Virgulino: O fogo da Piçarra.

CAPÍTULO XVIII
(FOGO NA PIÇARRA)

(Agradecimento a Clóvis de Oliveira Neto)

Agora mostraremos o outro lado do cangaço. Este capítulo foi escrito pôr um soldado do grupo do Tenente Arlindo Rocha que esteve a caça de Lampião pôr muitos anos. O soldado Clóvis de Oliveira Neto descreve em detalhes, conjugando sempre o verbo na primeira pessoa, para o livro que pretendia editar pouco tempo antes de sua morte que se chamaria: “Das caatingas do Nordeste e o cerco de Lampião na fazenda Piçarra, à Assembléia Constituinte de São Paulo”.

“Para a polícia do Ceará era um passeio, para nós uma verdadeira luta de guerrilha, onde não existia o fator político-ideológico, mas uma disputa entre feras que se desafiavam mutuamente na arte das artimanhas, sobretudo. Um mês e tanto ficamos confinados em nosso esconderijo até que surgiu a primeira e verdadeira indicação do local onde se encontravam escondidos Lampião e seu bando: a fazenda Piçarra, bem próxima do Cansanção.

Seu proprietário, Antônio Teixeira Leite, é conhecido até hoje pôr “seu Tonho da Piçarra”, antigo amigo da família Ferreira e do próprio Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, pôr quem sempre era procurado nas horas de aperto. Acossado que vinha sendo pela própria marcha da vida que, independente de nossa vontade faz mutações, Lampião resolvera mais uma vez procurar a seu Tonho e pedir-lhe que fosse ao Juazeiro de “meu Padim Cijo”, em busca de arranjar com ele, munição. Pedido que Lampião nunca tinha lhe feito antes. Seu Tonho ameaçado de morte pelas volantes, não teve como escapar de denunciar ao Tenente Arlindo Rocha a presença de Lampião em sua fazenda e o objetivo dessa presença; ir pegar com o Padre Cícero, uma munição de que estava muito carecido para continuar sua luta da qual, aquela altura, já não tinha mais como recuar.

Com a presença de Lampião na Piçarra e sabendo-se o que ele queria, foi fácil para o tenente, seus auxiliares diretos e seu Tonho, traçarem a tática e a estratégia com vistas ao cerco do grupo e seu possível aniquilamento. Mas como vontade e palavra é o que mais se perde no mundo, os nossos estrategistas e táticos apenas acertaram em parte, e mesmo assim com pouco resultado prático e concreto. Todo um plano elaborado e posto em prática visando o êxito total da estratégia e tática imaginada: prender ou matar a Lampião, ou, pelo menos, alguns de seus cabras. Seu Tonho se prontificou a ir ao Juazeiro, enquanto Lampião aguardava sua volta homiziado na fazenda,

tendo a seu serviço um velho morador de seu Tonho, que servia para levar-lhes comida e tudo mais que precisassem, inclusive ficando encarregado de avisar a Lampião sobre o retorno de seu Tonho da hipotética viagem ao Juazeiro. Tudo combinado na maior surdina e segredo. Seu Tonho ausentou-se da fazenda indo para Brejo Santo ali bem perto da Piçarra. Nós a esta altura, enrustidos em cômodos traseiros da grande da fazenda, apenas sussurrávamos baixinho e aguardávamos o tempo correr, na expectativa da volta de seu Tonho.

Naquele tempo, uma viagem da Piçarra ao Juazeiro, em lombo de burro ou cavalo, em estrada carroçal para ir e voltar, levava de 3 a 4 dias e Lampião sabia disso; daí ser normal, durante esses dias, o tempo de espera. Passando disso, dava para despertar suspeita e foi o que aconteceu depois de quase 8 dias de ausência do “viageiro”. Começou então, o que não se imaginara, principalmente em se tratando de um homem sagaz e astuto como Lampião e seu grupo, que passaram a cobrar do velho morador alguma notícia de seu Tonho. Isto foi num crescendo, que já começava a nos preocupar e obrigava o tenente a um grande esforço de imaginação para armar o morador de argumentos e evasivas com vistas a ir engabelando os cangaceiros e seu chefe. Temia-se que Lampião, desconfiado da armadilha, resolvesse tomar represálias violentas ou, simplesmente, arribar da Piçarra.

Foi envolto em tal perspectiva e apreensões, que um belo dia, à noitinha, chegou seu Tonho também preocupado, como era óbvio, pôr ter deixado sua fazenda ocupada pôr soldados e cangaceiros, antagonistas irreconciliáveis, como o gato e o cachorro ou o fogo e a pólvora. Dentro do estabelecido com Lampião, ficaram acertado que a munição vinda do Juazeiro para a casa grande, dali seria imediatamente transportada para a casa do velho morador dentro da fazenda, próximo de onde Lampião e seu grupo estavam acampados. Isto a fim de evitar qualquer imprevisto desagradável na casa grande, que se situava na beira da estrada principal, que levava ao Juazeiro na direção norte, e a Salgueiro para o sul, com um bom movimento de pedestres e cavalieranos. No combinado, a munição ia para a casa do morador e Lampião mandaria um ou dois cabras apanhá-la, após o aviso da chegada de seu Tonho, mas na sua impaciência, antes da chegada de seu Tonho, Lampião mandara os dois cabras apanhar a munição e como era óbvio, não a encontraram. No plano do tenente Arlindo, estava previsto mandar dois ou três robustos soldados que se esconderiam na casa do morador e pegariam

à unha os cabras de Lampião. Diante disso, e pôr sugestão do Tenente, a primeira providência a ser tomada foi mandar dizer à Lampião que seu Tonho havia chegado e que podia mandar apanhar a munição na casa do velho. A resposta de Lampião foi rápida e contundente: “Cabra meu só vai a um lugar uma vez”. Nessa resposta estava contido, certo ou erradamente, um princípio da reconhecida sabedoria do sertanejo. Virgulino Ferreira da Silva e não do cangaceiro Lampião como pode parecer. Como se sabe, todo indivíduo traz de sua própria formação biológica, procedência social e habitat, sua sabedoria nata ou adquirida na vida e no caso de Lampião a arte de guerrear era típica. Ninguém foi mais guerreiro e guerrilheiro do que ele.

Desfeita a possibilidade de agarrar os cabras à unha, restava o esgrimir de ardis para se conseguir o objetivo principalmente em mira: cercar Lampião e seu grupo debaixo do pequeno pé de arueira nas proximidades do açude da fazenda em que se encontravam localizados. Primeira providência: fazer com que seu Tonho fosse ter com Lampião para prestar conta da missão que lhe fora atribuída, isto é ir ao Juazeiro pedir ao Padre Cícero munição para o grupo. Tarefa difícil, porque era continuar desenrolando o novelo de mentira engendrado pelo tenente, Manoel Neto e seu Tonho. Lampião e seus cabras a esta altura já estavam desconfiados da tramóia da munição. Da conversa de seu Tonho com o tenente sobre a ida daquele, ao encontro do cangaceiro, viu-se o receio que ele tinha de que Lampião, pôr “adivinhação” viesse a descobrir o que realmente estava acontecendo: traição! Houve então o seguinte diálogo entre os dois: seu Tonho, revelando temores e o tenente, tirando do bolso um maço de cigarro intacto do qual retirou um e fumou. Em seguida entregou o maço ao morador que fazia as ligações com o grupo, dizendo que o entregasse a Lampião como presente para ele, ofertado pelo próprio seu Tonho. O morador se foi. Junto com o maço de cigarros, um recado: que aguardasse um pouco, porque estavam na casa grande uns almocreves e só depois que eles saíssem, seu Tonho poderia ir vê-los. Era o tenente querendo provar a seu Tonho, cheio de temores, que Lampião não adivinhava. De volta, o morador trouxe os agradecimentos de Lampião, e seu Tonho partiu para o esconderijo dos cangaceiros um pouco mais tranqüilo. Lampião perguntou-lhe pela munição e seu Tonho disse que estava na casa do morador e que mais tarde a entregaria. Com isso e mais um pouco de papo o ambiente se desanuviou um pouco e seu Tonho retornou à casa grande, mas sempre preocupado com o que faltava ser feito para atender às exigências da volante,

ansiosa que estava pelo cerco ao grupo, o espocar dos fuzis, ao amanhecer do dia, conforme estabelecia o plano.

Pôr certo, que na medida em que não chegava a munição lá no pé da arueira, se aguçava a desconfiança dos cangaceiros, que a partir de certa hora já não tinham dúvidas de que havia traição. Era, pôr coincidência, uma noite muito escura e com trovões ameaçando tempestade o que, se pôr um lado facilitava o cerco, pôr outro dificultava, pois era uma caminhada, em tais circunstâncias, bastante penosa, principalmente para seu Tonho, que conduzia em plena escuridão pôr dentro do mato mais de 30 homens em grupos de 3 ou 4, até completar o cerco, em forma de ferradura, de uma grande circunferência, onde o ponto de localização de cada grupo ia ficando cada vez mais distante geometricamente do ponto fixo da partida. Uma verdadeira ferradura, em cuja abertura se encontravam os soldados de Manoel Fumaça e nós outros distribuídos, fechando a ferradura. E assim foi feito, sob trovões e escuridão pôr seu Tônimo da Piçarra, que imaginava tê-lo feito com toda perfeição, sem deixar uma brecha pôr onde pudesse passar viva alma.

Enquanto se dava ao trabalho de completar o cerco, àquela altura já não havia para Lampião e seu grupo, nenhuma dúvida de que a traição se efetivara e disso eram testemunhas os soldados de Manoel Neto, que os ouviam blasfemar contra a traição e dançar na ponta dos pés, de fuzil em punho, esperando para qualquer momento o ataque dos “macacos”. Para o Tenente que estava com seu grupo de 4 homens a poucas braças donde se encontrava o Manoel Fumaça, tudo estava correndo como fora planejado: completara o cerco e agora deveria esperar o dia raiar para o ataque aos cangaceiros. Frustou o plano, a expectativa vibrante do bando e o clarão, que vez pôr outra, se abria na escuridão pêlos relâmpagos que vinham do firmamento, foi assim, para os cangaceiros, providencial, pois avistaram deitados no mato rasteiro, distante uns 10 metros de onde estavam, os soldados de Manoel Neto. Com isso evitaram de ser mortos, tomando a iniciativa de abrir fogo contra os “macacos” e partindo incontinenti em busca de saída para fugir do cerco, sobre o qual não tinham mais nenhuma dúvida. Apenas não sabiam ter sido feito em forma de ferradura, fechando todas as possíveis saídas o que os obrigava a percorrer em via-sacra toda a circunferência em busca de uma brecha pôr onde pudessem escapular. O primeiro choque que tiveram foi com o grupo do tenente, à esquerda do início da via-sacra, onde se depararam com os nossos tiros que os fizeram

prosseguir a via que apenas se iniciava e que havia de se estender pôr vários encontros, com tiros disparados de dentro do mato em plena escuridão. Da posição onde encontrávamos, acompanhávamos o desenrolar da peregrinação dos cabras, sem atinar para o que iria acontecer no final de tudo. Apenas sabíamos que o plano de atacar o grupo ao raiar do dia tinha ido para o “beleléu”, graças aos relâmpagos e a perspicácia dos cangaceiros. Quase ao amanhecer cessaram os tiros e o silêncio voltou às plagas, com a notícia de que Lampião, afinal havia escapado, sem deixar à vista morto ou ferido, bem como entre nós, que afora arranhões do mato, nada acontecera. O fato é que mais uma vez resplandecia a “estrela” de Lampião desafiando até mesmo o impossível em matéria de escapar de situações as mais adversas, como a do cerco da fazenda de Isaías, no município de Missão Velha, poucos quilômetros da Piçarra e de onde também escapara ileso apesar de cercado, tiroteado, envenenado na comida e sob fogaréu infernal, ateadado no capinzal seco que se espalhava pela fazenda e fora dela.

Contudo, não se pode omitir o que dois três meses depois do tiroteio da Piçarra, andou circulando pôr lá e suas vizinhanças: que dos mais valorosos lugar-tenente de Lampião, fora encontrado morto nas cercanias da Piçarra, como resultado do tiroteio daquela noite escura e cheia de relâmpagos. Tanto assim que, para os poucos velhos que restam daquele tempo e as gerações que vieram se sucedendo, o famoso cangaceiro Sabino Gomes, fora ferido de morte no tiroteio escapara para morrer no mato, nas cercanias da fazenda Piçarra. Só que nenhum vestígio ficou desse falado ferimento à bala em Sabino ou em qualquer outro cabra ou soldado da volante. É verdade que os matos estavam verdes e fechados, impossibilitando ver se vestígio de sangue ou se ter uma idéia de como numa abertura daquela, os cabras conseguiram retirar Sabino ferido.

Agora, e coincidentemente, 56 anos depois estando na Piçarra para passar a Páscoa de 1984, tive a oportunidade de saber a verdadeira versão sobre o caso Sabino Gomes; o que se dera na noite de segunda para terça-feira do dia 26 de março de 1928, segundo seu Tonho, atualmente com 89 anos de idade, mantendo quase intacta sua assombrosa memória, quanto a datas e detalhe da brigada com Lampião.

A versão verdadeira do caso Sabino veio depois, através do nomadismo nato dos nordestinos em busca da sobrevivência. Apareceu na fazenda

Faustino, de propriedade de Arlindo Rocha Neto, genro de seu Tonho , um caboclo dizendo chamar-se Antonio Noberto, mas que na realidade tem pôr sobrenome Oliveira Silva e pôr nome de batismo, uma incógnita. A surpresa foi que Antonio Noberto, ou Oliveira Silva, pertenceu ao grupo de Lampião e participou do combate da Piçarra, quando tinha na época dezesseis anos de idade, estando hoje com setenta e tantos anos.

Oliveira contou a seu Tonho e a várias outras testemunhas que, de fato, Sabino foi mortalmente ferido no combate e que somente a maestria tática de Lampião poderia, como pôde, retirar Sabino daquele inferno de balas, escuridão, trovões, relâmpagos e caatinga fechada. Mandou fazer um semicírculo com alguns cabras, que tanto protegiam com seus corpos o baleado, como arrastavam-no em busca de uma saída. Durante o percurso em busca da saída, Sabino não se cansava de pedir que o matassem e fugissem enquanto havia tempo. E que só depois de furarem o cerco, com Sabino moribundo, sacrificaram-no; mesmo assim, cavaram uma cova rasa e enterraram-no, ainda em terras da Piçarra. Daí ficar confirmado que Sabino Gomes, um dos mais valorosos lugar-tenente de Lampião, foi morto no fogo da Piçarra, com aquele do qual o grande seu Tonho não se vangloria, pelo contrário, ainda hoje lamenta. Primeiro pôr não ter podido fugir das ameaças de morte pôr parte das volantes, depois pôr ter sido obrigado a denunciar Lampião, a quem se ligava pêlos traços comuns e valor pessoal dos nordestinos, que sempre honraram sua palavra.

É evidente que com Lampião tendo escapado, a vida de seu Tonho passou a ser cada vez mais ameaçada, inclusive com a designação recebida pôr um de seus cabras de confiança, de nome Moreno, para matá-lo. Só não o conseguindo devido a perícia e coragem de seu Tonho para enfrentar o perigo. Depois de várias tentativas, Moreno terminou desistindo, e seu Tonho continua vivo com sua invejável lucidez, memória e simpatia irradiante.

Cartulo

Das caatingas do Nordeste e cerco de
Lampião na fazenda Pizarra, à
Assembleia Constituinte de São Paulo

Monte
entorçeis

Clóvis de Oliveira Neto

CAPÍTULO XIX
(VINGANÇA DE LAMPIÃO)

Após o acontecido episódio do “fogo da Piçarra”, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foi embora do sul do estado do Ceará atravessando o Pernambuco pelo rio São Francisco, nunca mais pisando em solos cearenses tentando fixar-se na fazenda Angicos em Sergipe ou na Bahia. Lampião tinha uma admiração e amizade pessoal com Antônio da Piçarra, não o considerando como um coiteiro, e sim como um amigo. Antônio também nutria grande admiração pôr achá-lo um justiceiro. Então a batalha da Piçarra deixou marcas profundas e revolta em Lampião pôr sentir-se traído pelo amigo cearense.

Lampião articula a grande vingança e manda um grupo de dez homens, comandados pelo cangaceiro Moreno, para matar Antônio da Piçarra e trazer a orelha como prova. Moreno foi escolhido porque conhecia muito bem a região.

Antônio Francisco, apelidado como Moreno pôr Lampião, de quem era cunhado e homem de confiança, assumiu este posto justamente após a morte do cangaceiro Sabino na fazenda Piçarra. Com raízes em Brejo Santo, a família de Moreno chegou ao cariri em 1910 através do seu pai Manuel Francisco Inácio para trabalhar na agricultura, já fugindo de brigas no vizinho estado de Pernambuco. Era uma família de homens valentes e matavam pôr encomenda em troca de dinheiro vivo ou recebendo em terra.

Um episódio a registrar: o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, conhecido como Coronel Delmiro Gouveia, foi assassinado pelo irmão mais velho de Moreno, o matador José Francisco apelidado de “jacaré”. O Coronel Delmiro foi morto em 1917 porque tinha idéias renovadoras para a época e passou a ser invejado pêlos agricultores devido investimentos que fazia às margens do rio São Francisco, uma delas a usina hidroelétrica de Paulo Afonso.

Aconteceu assim que anos pensando, Lampião resolvera colocar sua vingança em prática mandando essas pessoas de confiança acabar com seu Antônio, principalmente pela morte de Sabino que aconteceu naquele fatídico dia. Em troca daria cinquenta contos de réis a Moreno e sua turma como prêmio pela lealdade.

Moreno viaja com a sua mulher Durvalina, mais conhecida como Durvinha, em marcha a pé acompanhado do seu grupo em que se destacavam os sanguinários “Tempestade” e “Volta-seca”. O cangaceiro guardava bem na memória o último dialogo que tivera com Lampião quando este disse:

- “Enquanto tive a amizade e a proteção de seu Tonho nunca tive

problemas no Ceará, como também nunca cometi violência naquela região em consideração ao Padre Cícero e ao amigo seu Tonho, pôr isso mate este cabra a qualquer custo.” – mandava Lampião.

Ao chegar em Brejo Santo, Moreno procura seus familiares com o intuito de saber da rotina e costumes de Antônio da Piçarra para assim fazer o planejamento de uma provável emboscada. Como Antônio era muito querido e possuía amigos entre a família Inácio, os próprios parentes tentaram tirar a idéia desta matança pôr conhecê-lo e saber que ele era uma pessoa de bem. Tudo em vão, Moreno não se convence e retruca dizendo aos seus familiares:

–“ Eu tenho um compromisso com Lampião, eu vim para matar. Eu tenho que matar. Eu vim de longe, lá dos Angicos e tenho que matar seu Tonho e levar a orelha dele como prova. Não adianta vocês insistirem.”

Assim sendo, familiares de Moreno levam este fato a Antônio da Piçarra para ele se cuidar, a situação não tinha controle. Toda esta história também sempre era ouvida pôr Durvinha, mulher de Moreno, que se impressionava com os elogios a Antônio.

Sem muita saída Antônio não tem outra escolha senão procurar a justiça e fazer a denúncia de que tinha chegado um pistoleiro na cidade, acompanhado de dez homens, com a finalidade de acabar com a sua vida. Outro caminho achado foi se proteger, procura os parentes e amigos mais próximos como os moradores Cícero Pedro e Manuel Pedro. Assim começa a andar com este grupo dia e noite como verdadeiros guarda-costas.

Só que existia um pequeno detalhe: a política. Nesta época Antônio estava de baixa, significava que tinha perdido as últimas eleições. Nesses casos os adversários aproveitam para perseguir afim de que não aconteça a volta ao poder, impedindo que se forme um ciclo. E esses políticos da região fizeram o governo do estado acreditar que Moreno não tinha vindo para matar Antônio da Piçarra, e sim com o intuito de pedir apoio a Antônio com a finalidade de formar um novo bando de cangaceiros, dominando o sul do estado do Ceará levando pânico a população e novamente voltar ao poder.

Nesse caso ao invés de receber proteção do estado, Antônio passou a ser perseguido tanto pela polícia quanto pôr Moreno. A situação estava cada vez mais difícil. Se ficasse na fazenda Piçarra, Moreno ia atacar e matá-lo, se fosse para a cidade iria ser preso pela polícia.

Então acontece que Antônio da Piçarra decide fazer uma viagem para o estado de São Paulo.

CAPÍTULO XX
(VIAGEM A SÃO PAULO)

Sem muita opção, devido as ameaças de um lado do cangaceiro Moreno e do outro lado da polícia do governo do estado do Ceará, após aconselhar-se com o Padre Cícero, Antônio da Piçarra resolve ir para o sul do país, mais precisamente ao estado de São Paulo.

Naquela época para viajar à São Paulo existiam várias maneiras e etapas, cada uma mais difícil e demorada. Acompanhado do segurança Cícero Pedro vai a cavalo da fazenda Piçarra até a cidade do Crato, daí de caminhão até Araripina, no Pernambuco, atravessando a chapada do Araripe. Em Araripina procuram pessoas da família Araújo, amigos da cidade de Brejo Santo. Da cidade de Araripina pegam um caminhão em direção a Juazeiro da Bahia e chegando já mudam do percurso terrestre para o ferroviário. Pegam um trem e se dirigem para a capital do estado Salvador. Na capital baiana fica hospedado na casa de familiares de dona Antônia Bastos, sua primeira esposa. Era a residência do Desembargador Bastos que ficava localizada em um bairro chamado Campo da Pólvora aonde hoje localiza-se o Tribunal de Justiça da Bahia.

De Salvador viajam a cidade do Rio de Janeiro, de navio e prosseguem viagem para a cidade de São José dos Campos, sua última parada nesta enfadonha turnê. Antônio enjoa muito durante a viagem e dizia ao seu irmão que não voltaria mais de navio o qual recebia a resposta:

- “Então espera o mar secar e volta de caminhão. “ – brinca o irmão.

Antônio da Piçarra levava o endereço do seu irmão Luís Gonzaga. Também nesta época morava no município de Caçapava, em São Paulo, o filho mais velho Luiz Teixeira Leite, o Lulu, que estava no exército e tinha como nome de guerra “Cabo Leite”. Através de Lulú era que Gonzaga sabia das notícias de Antônio que tinha visto quando criança com apenas dez anos.

Inicialmente Antônio se hospeda nesta pensão e entra em contato, pôr telefone, com Gonzaga sem se identificar justificando que queria comprar o armazém Fortaleza de propriedade do mesmo, que havia montado após encontrar-se aposentado do exército. Marcaram o encontro para o final da tarde, mas perto do armazém avista uma barbearia, de propriedade de Pedro Barbeiro e resolve entrar para obter mais informações sobre o irmão. Ao sentar na cadeira para fazer a barba já indaga ao Pedro Barbeiro:

- “Você conhece o senhor Luiz Gonzaga Teixeira Leite, seu vizinho?” - indaga Antônio da Piçarra.

- “Seu Leite?” - pergunta o barbeiro. Mas o que o senhor quer com ele?

Bem antes de Antônio pensar em responder, Pedro Barbeiro fixa bem o olhar cara-a-cara e diz convicto:

- “Já sei você é bem irmão dele, pois é muito parecido, tem até a mesma fisionomia.”

- “Eu sou o irmão, sim!” - confirma Antônio da Piçarra.

Após terminar de fazer a barba, Pedro Barbeiro acompanha Antônio até o armazém e o apresenta a Gonzaga dizendo:

- “Seu Leite, esse cidadão veio lá das bandas de Minas Gerais e quer comprar um armazém aqui em São José dos Campos, pôr que acha aqui um local de futuro.”

Gonzaga, muito simpático, diz que aceita conversar sobre o assunto e inicialmente não reconhece o irmão, apesar de desconfiar daquele sotaque diferente e fala:

- “Pois não cavalheiro, vamos conversar..... mais me diga uma coisa, você não é o seu tonho?”

E foi aquele abraço mesmo antes da confirmação. Antônio manda buscar o segurança que a partir daí ficam hospedados na casa do irmão Gonzaga.

A viagem do Ceará a São Paulo foi realizada em um total de trinta dias, justificando o fato principalmente devido aos meios de transporte da época e também as várias escalas a que foi submetido.

Luiz Gonzaga tinha ido para os quadros da reserva do exército a poucos anos e com isso mantinha um relacionamento muito bom com os oficiais da ativa. Assim foi fácil levar a história verdadeira ao governo do estado do Ceará demonstrando que na verdade Antônio era vítima e estava escondido em São Paulo devido a perseguição do bando de Lampião na pessoa do cangaceiro Moreno.

Tudo provado e esclarecido, Antônio é autorizado a retornar ao Ceará para a partir daí receber a verdadeira proteção do estado. Antônio da Piçarra permanece um total de sessenta dias em terras paulistas, com a angústia da distância e as dificuldades das notícias de como estava a fazenda Piçarra.

Existia outro motivo da perseguição da polícia do Ceará a Antônio, estes nunca aceitaram o fato de que Antônio deu apoio ao tenente Arlindo Rocha, da polícia de Pernambuco, no episódio do “fogo da Piçarra”. Eles acreditavam nesta versão fantasiosa, quando na verdade Antônio recebeu voz de prisão dos Tenentes Arlindo Rocha e Manuel Neto da polícia de Pernambuco: ou Antônio da Piçarra dizia aonde estava Lampião ou morreria naquele momento.

CAPÍTULO XXI
(VOLTA AO CEARÁ)

Antônio volta e o retorno tem um período bem menor que os trinta dias da ida, explicado devido ter tido uma melhor orientação do percurso. Ele vem e tem a primeira parada só em Petrolina aonde se hospeda em uma pensão com a finalidade de confirmar se realmente as ordens do exército tinham chegado ao Ceará.

Manda o segurança na frente ir até a Piçarra e fica aguardando as notícias de como as coisas se encontravam. O contato no Ceará era com o primo Chico de Quental e com o genro Wolney Gonzaga que era casado com a filha mais velha Junília. Os dois ficaram responsáveis pela administração das fazendas e dos animais.

Quando verifica que tudo estava em total controle, chega na Piçarra e reassume as fazendas e a partir daí fica recebendo a proteção do governo que determinara os soldados o protegesse. Não satisfeito recruta mais alguns homens da fazenda, entrega arma e coloca no grupo. Neste momento as informações era que o bando de Moreno se encontrava cada vez mais forte, já sabendo da notícia da chegada de São Paulo.

Os homens recrutados pôr Antônio da Piçarra são na verdade moradores e amigos como José Ribeiro, João Ribeiro, José Domingos e membros da família Lúcio. Todos recebendo salários e pensão de Antônio existindo a promessa de serem ressarcidos pelo governo do estado, fato que nunca aconteceu. Nesta época Antônio teve que se desfazer de muito dos seus bens, assim perde parte do Boqueirão e a fazenda Freitas. Vendeu terrenos a preço baixo para se proteger mantendo seus homens sempre armados em busca de Moreno. Estava configurado a perseguição de Antônio a Moreno e vice-versa. A tática era se defender atacando o inimigo.

Nesse período acontece a morte do Capitão Virgulino Ferreira, o Lampião, em vinte e oito de julho de 1938 nas terras de Angico, no distrito de Porto da Folha, no estado de Sergipe. A notícia se espalha rapidamente pôr todo o Brasil com a foto da cabeça dos cangaceiros mortos, expostas como troféu. A notícia também chega em Brejo Santo.

Foi então que Moreno manda um recado para Antônio propondo uma trégua, que um não mais perseguisse o outro. Moreno não se sentia mais com a obrigação de matá-lo porque o compromisso era com o capitão. Pessoalmente Moreno não tinha nada contra Antônio da Piçarra.

Antônio não acreditando na conversa de Moreno continua a sua caça dia-e-noite. O cangaceiro insiste na trégua e manda outro recado para

Antônio através do cunhado João dos Santos, também compadre de Antônio da Piçarra, para que acreditasse no apelo. Afim de provar que não estava mentindo Moreno conta que pôr duas vezes emboscou Antônio. Além disso conta detalhes do lugar, da roupa, tipo dos animais, do momento e o horário com riqueza de detalhes para Antônio poder conciliar os fatos. Na primeira emboscada, Moreno chegara a mirar, quando ele estava para atirar a mulher Durvinha levantou a arma e disse:

- “Não atire Moreno, esse homem não merece morrer.” – implora a mulher.

Durvinha não conhecia Antônio da Piçarra, mas pelo o que ela ouvia falar na região passou a admirá-lo já sendo contra o assassinato injusto daquele homem.

Na segunda emboscada Moreno já foi sem a mulher. No momento de fazer o disparo, Moreno admite que uma imagem de uns anjos aparece entre Antônio e a arma como se estes estivessem impedindo o assassinato. Na verdade são fenômenos de crença religiosa não explicáveis ou outra tentativa de Moreno acalmar o incrédulo Antônio da Piçarra. Desta vez conseguiu. Depois de ouvir estes dois relatos Antônio chega a conclusão que Moreno estava falando a verdade e lembra que nestes dia e hora realmente estava presente no local indicado. Fica selada a paz.

Alguns meses depois, precisamente em novembro de 1938, Moreno reúne seus familiares e vai embora para o Maranhão já não agüentando a perseguição agora da polícia pelo tenente Antônio Pereira querendo acabar todo o resquício da era Lampião que a cada dia se extinguiu.

Antônio da Piçarra libera os homens das armas e volta a produzir na fazenda. Ele tem a idéia de fazer uma espécie de reforma agrária, por conta própria, com aqueles homens que arriscaram a vida por ele. Pega um terreno localizado na vereda que ligava a cidade de Brejo Santo nas terras de Bom Nome e do Boqueirão (hoje passagem da rodovia BR-116) e faz esta divisão doando as terras oficializando em escrituras no cartório.

Na normalização, após a volta de São Paulo e resolvido o conflito com Lampião e Moreno, começa a organizar a vida, já no terceiro casamento. Infelizmente precisa vender parte de suas terras com a finalidade de se capitalizar e novamente povoar a fazenda Piçarra. Vende as fazendas Freitas e Barra Bonita.

CAPÍTULO XXII
(RETORNO PELO CHICO)

(Por Antônio Teixeira Leite Filho)

Antônio Teixeira Leite Filho, um dos principais parceiros nesta saga, escreve este capítulo em que começa mostrando o retorno do seu genitor de São Paulo para a fazenda Piçarra (fato retratado no capítulo XX). Teixeira Filho, engenheiro civil, hoje mora na cidade de Salvador e é um dos que lutam para manter a chama acesa do “Piçarra”.

“Diante do impasse para a viagem de retorno, surgiu a opção desta pelo rio São Francisco. A primeira etapa, São José dos Campos – Belo Horizonte foi feita de trem. Chegando a esta, seu Tonho teve que se hospedar em uma pensão a espera de condução de um caminhão para fazer o trecho de viagem até o rio São Francisco. Durante a estadia em Belo Horizonte, já sem a companhia de Cícero Pedro, seu Tonho cuidou de fazer amizades, fato constante em toda sua vida. Uma delas foi com a dona da pensão, uma senhora viúva de pele clara e rosada. Ao perceber o seu gosto pôr frutas, seu Tonho usou de uma das suas características de conquistador, todos os dias ao sair para passear na cidade, retornava trazendo mangas bonitas e rosadas e as ofertava à simpática senhora afirmando que ao ver as mangas na feira as achou bonitas e sadias quanto aquela senhora. Desta forma seu Tonho fora muito bem tratado naquela pensão. Era normal ouvi-lo afirmar que a melhor maneira de agradar a uma mulher era chamá-la de bonita, enquanto que o inverso era mais eficiente do que um “tapão na cara”.

Um fato ocorrido nesta cidade, demonstra a maneira astuta e sem agressão que seu Tonho utilizava para evitar constrangimento. Nesta mesma pensão um outro hóspede se aproximara dele sempre com convites para mostrá-lo a vida noturna de Belo Horizonte. Face a insistência daquele senhor, seu Tonho logo desconfiou de uma certa maldade embutida em tão insistente disponibilidade. Seu Tonho educadamente combina este passeio para um determinado dia, sem deixar de dispensar toda cordialidade com este senhor, em data anterior à data combinada seu Tonho numa madrugada embarca em um caminhão, com passagem já antecipadamente marcada, em direção ao embarque no vaporzinho do rio São Francisco.

Ao chegar à Pirapora, as margens do “Velho chico”, seu Tonho embarca na primeira classe do “vaporzinho” para fazer, segundo suas próprias palavras, a parte mais interessante e prazerosa de toda a viagem ao percorrer todo o alto médio São Francisco com destino a Juazeiro da Bahia e Petrolina no

estado do Pernambuco, aportando em diversas cidades ao longo do “ Velho chico ” como Barra, Chique Chique, Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado todas na Bahia, sendo em todas elas a embarcação recebida com festas ao ancorar nestas cidades trazendo mercadorias, novidades para o comércio e para aquela gente beradeira.

Chegando a cidade de Bom Jesus da Lapa, se tornava obrigatório a visita à gruta de mesmo nome. Seu Tonho, católico praticante e fervoroso, ficou emocionado com as belezas naturais desta cidade e ao ver a devoção de tantos romeiros em suas peregrinações à gruta do Bom Jesus. Comprou dúzias de fogos mandando soltar em louvor ao santo. Esta passagem me leva a duas conclusões: Seu Tonho se emocionara ao ver a romaria o que certamente lhe fez lembrar a sua fé no Padre Cícero e a romaria de Juazeiro do Norte. Segundo seu Tonho, estava cheio de paqueras no vaporzinho, como me confessara pôr diversas vezes sempre em segredo para com minha mãe, evidentemente que aquele galã, segundo palavras da minha genitora, não deixaria de fazer bonito em lugar tão aprazível.

A viagem no vaporzinho fora de total descontração e alegria para seu Tonho, associe-se a esta encantadora viagem sendo, ainda nos tempos atuais, reconhecida como uma fantástica viagem, documentada pela BBC de Londres e ainda o fato de está retornando para sua amada Piçarra. Fantástico projeto de engenharia que veio regularizar a vazão do referido rio potencializando de forma excepcional sua capacidade de geração de energia e regularizando a sua vazão, evitando assim, suas freqüentes cheias e secas melhorando sensivelmente a vida dos ribeirinhos.

Esta viagem seria para seu Tonho uma imagem muito viva na sua memória ao longo de toda sua extensa, graças a Deus, vida. Os fatos ocorridos dentro da embarcação, a amizade com o comandante, a namorada morena de cabelos longos e encaracolados, a obrigatoriedade do paletó durante as refeições na primeira classe, onde imagino o mesmo não ter deixado de desfilar toda sua elegância inclusive com um luxo à época de banhos e barbear diário, a descrição minuciosa e precisa das cidades ribeirinhas, a topografia ao longo do rio..... Caro leitor, tive e tenho a oportunidade de percorrer toda esta região descrita pôr meu pai, cinquenta anos depois, ficando sempre admirado e perplexo pela riqueza e exatidão dos detalhes descritos tão ricamente. A duração dessa viagem embarcado duraria dezesseis belos dias vividos pôr seu Tonho, narrados com muita freqüência, pontuados pôr muita emoção e

uma saudade melancólica típica das emoções as quais a vida não nos repete e que tive a felicidade, graças a Deus, de sentir e compartilhar de suas alegrias e emoções tantas vezes contadas no alpendre de nossa querida e saudosa casa da Piçarra sentados todos nós, crianças e adultos, no “velho banco de umburana” herança dos meus avós, três anos mais novo que seu Tonho, companheiro e testemunho de tantos fatos passados na nossa histórica e na muito “querida Piçarra” palco e cenário destes noventa e nove anos e sete meses, contados diariamente pelo próprio, bem pôr este maravilhoso e amado pai, para o qual me faltaram palavras para que possa expressar tanto amor, admiração e estimo já declarado durante tudo que possa dizer fazer “in memoriam”. Para finalizar, desculpando-me ao leitor por tanto ufanismo a meu pai e a Piçarra, casa de portas sempre abertas com um copo d’água para saciar a sede, um prato de comida para matar a fome das pessoas simples e humildes que passavam por ali desde os romeiros do padre Cícero e sempre, sempre um cafezinho acompanhado de uma boa e amigável conversa sentados no “velho banco”.

CAPÍTULO XXIII
(AGRESSÃO A LULU)

Na década de 50, mas precisamente em 1955, Antônio da Piçarra era o Delegado civil de Porteiras. Nessa época seu filho mais velho, Luís Teixeira Leite, o Lulu da Piçarra, tinha acabado de chegar de São Paulo aonde tinha pedido baixa dos quadros do exército brasileiro. O mesmo chegava em momento de campanha para prefeitura na cidade de Porteiras.

Em época eleitoral os candidatos sempre são convidados para participarem das festas como batizados e casamentos. Dona Maria Antônia, proprietária da fazenda Guaribas em Porteiras, casando seu filho mais velho convida Lulu para ser padrinho. Após o casamento, quando já ia montando em seu cavalo, veio um elemento conhecido como José Primo e o agride com uma faca atingindo grande parte do abdômen. Esta arma branca perfura o intestino delgado no seu lado esquerdo rasgando alças intestinais com exposição de epiplon e o intestino ficando em grande parte eviscerado (termo médico que se dá quando alças intestinais ficam expostas, fora da pele)

Nesse momento Lulu vira e o homem dar outro golpe. Lulu na tentativa de tomar a arma fere a sua mão. Nesse instante grita pedindo socorro ao pai que estava distante:

- “Meu pai eu estou furado, traga o revolver que eu fui esfaqueado.” – grita aflito.

Antônio da Piçarra já estava do outro lado da igreja montando na sua burra chamada vaidosa, pula do animal já com a arma em punho e no meio da multidão, preocupado em não ferir ninguém, atira para o alto mandando que Zé Primo se entregasse:

- “Me dê a faca e se entregue que você está preso. Estou lhe dando voz de prisão. Você não tem saída.”

José Primo não aceita a intervenção e se mostra destemido demonstrando que não está disposto a se entregar assim tão fácil:

- “Não venha não, véi, senão você morre também.”

Zé Primo insiste em sua vã teimosia e Antônio da Piçarra, na frieza de sua autoridade, dá outro tiro para cima. O homem continua em sua direção e Antônio não tem outra opção atirando no ombro direito aonde estava a arma e cai. Ainda com forças, o bandido passa a faca da mão direita para a esquerda e novamente parte em direção a Antônio. Novo tiro, só que agora na perna direita, dessa vez sem chances de levantar-se. Antônio deixa o agressor no chão e vai ver como estava Lulu com o ferimento extenso no

abdômem, suando bastante, muito pálido e já com sinais de desorientação. Antônio viu o filho morrendo sem nada poder fazer.

Nessa hora o sangue subiu à cabeça e Antônio da Piçarra não agüentou, partiu para cima do bandido com a finalidade de matá-lo, foi aí que Maria Antonia, a dita mãe do noivo, desmaiou e diante do tumulto ele desiste de terminar com o agressor chamando um automóvel para levar os dois ao Hospital São Francisco, na cidade do Crato, onde ficaram vários dias internados. E o que se comentava era que estava Zé Primo passando relativamente bem e Lulu com poucas chances de vida.

Lulu é submetido a uma cirurgia de “laparotomia exploradora” recupera-se bem pois não teve nenhum órgão vital seriamente lesado. Antônio da Piçarra sempre ia visitá-lo, como também a José Primo, este chorava bastante se mostrando arrependido pelo o atentado e sempre pedia perdão. Antônio não se abalava e dizia:

- “Não se preocupe, Zé, se Lulu sair vivo você também sai. Só quero uma coisa de você, que depois me conte quem foi o mandante e quanto você recebeu pôr esta infeliz tramóia.”

Acreditava-se na época que fosse um crime político devido a proximidade de uma eleição muito disputada e Lulu com chances de sair vitorioso. Alguns dias depois os dois tiveram alta hospitalar. Zé Primo não entregou os mandantes, preferindo fugir da cidade para a região norte com medo de ser morto. O resultado final, Lulu ainda em fase de convalescência de um ato cirúrgico sem poder fazer uma campanha considerada corpo-a-corpo com os habitantes da pequena cidade, perde a eleição.

Essa era a outra face de Antônio da Piçarra, quando o Zé Primo agrediu Lulu e já estava no chão baleado, apareceram parentes, amigos e simpatizantes querendo linchar o agressor a qualquer custo. Naquele momento, de sangue quente e o cheiro de vingança, além do medo de perder um ente querido morto injustamente, pôr motivos banais, Antônio da Piçarra na sua lucidez e na índole de apaziguador não só discordou como também não deixou que ninguém matasse o agressor. Muito pelo contrário, mandou e pagou um frete de um jipe, pôr conta própria, para um hospital em uma cidade distante junto com o seu filho querido ameaçado de morte.

QUARTA PARTE
(SAGA DO MITO)

Apesar de sua já avançada idade, Antônio da Piçarra ainda monta a cavalo e não perde feira em Brejo Santo aos sábados, sendo ainda muito forte e admiravelmente lúcido, gozando invejável saúde que o faz desafiar o tempo e viver ativo e útil quando a maioria dos da sua idade já estão aposentados.

Conheço-o desde menino, ainda quando era vizinho do meu pai no sítio Saco, dos frios pés de serra de Porteiras, no início dos anos 40 que já vão tão longe do tempo.

Pessoalmente muito simpático, boa prosa, conversa fluente, Antônio da Piçarra mais parece uma prova viva de que o inclemente sol do sertão tonifica a vida, prolongando-lhe os dias.

Veza por outra tenho ouvido entrevistas sua ao repórter Antônio Vicelmo, na rádio educadora do Crato sobre o sempre palpitante e inesgotável tema do banditismo nordestino do tempo de Lampião e sempre me tenho surpreendido com sua prodigiosa memória e vivacidade nas respostas, coisas raras em homens de sua idade.

Antônio da Piçarra foi amigo pessoal de Lampião e com ele conviveu quando de sua última viagem ao Ceará, ocasião em que teve de enfrentar, na própria fazenda Piçarra em escura noite invernososa, as tropas Pernambucanas do Tenente Arlindo Rocha, em cujo tiroteio morreu o cangaceiro Sabino.

Hoje recolhido à tranquilidade de sua fazenda, o forte varão sertanejo que hoje homenageio vive da atividade pastoril e agrícola, após haver criado numerosa prole de três casamentos, dos quais já estão formados e brilhando nos seus respectivos campos de atuação.

Antônio da Piçarra é um sólido varão sertanejo que mais parece um velho pau d'arco a desafiar os temporais, sempre erecto, enfrentando as tempestades com coragem e desenvoltura.

Napoleão Tavares Neves
Em 1983

CAPÍTULO XXIV
(SABEDORIA)

Com o passar dos anos, Antônio vai adquirindo suas sabedorias, além daquelas que são passadas por seus antecedentes, que apesar de não serem regras ou leis, são sempre seguidas e respeitadas. Daí repassada para os descendentes que se responsabilizam a não deixar aquelas idéias. Os costumes variam dependendo da região, tempo, credices, etc..... Antônio da Piçarra, sempre muito espirituoso, criava os seus para serem seguidos entre os familiares e moradores. Alguns, na verdade, mostravam um lado alegre e divertido que marcaram e deixaram gravados na nossa memória.

A seguir mostraremos algumas destas sabedorias que costumavam estar no dia-a-dia do nosso Antônio Teixeira Leite:

- Para seu tonho existiam três coisas importantes neste mundo que era bom de se ouvir a todo momento e costumava assim lembrar:

- “A esposa descansou em paz e passa bem; venha receber o seu dinheiro e o almoço está na mesa.”

Seu tonho sempre se saía com essa ao ser chamado para refeição quando Dona Ernestina gritava que a comida estava na mesa:

- “Santas palavras.”

Hábito que mantinha ao chegar em casa um visitante montado a cavalo: ia recebê-lo e pegava no estribo da sela do lado direito quando o visitante ia desmontar. Na despedida segurava o estribo do outro lado quando o amigo fosse montar no animal para ir embora.

Costumava sempre ter três relógios: um na sala de visita, um no seu quarto e o preferido ficava no seu bolso. Por brincadeira, em alguns momentos gostava de conferir e deslocava para cada sala. Quando um estava com a hora diferente dos demais, olhava para o dito relógio e dizia:

- “Acompanhe o outro, relógio preguiçoso.”

Ou então quando um dos relógio começa a adiantar muito em relação aos demais dizia:

- “Deixa de ser nervoso. Espere pelos outros, relógio apressado.”

Voltando ainda ao assunto refeição, seu tonho era muito afixado a horários. Costume esse que aprendeu na viagem a bordo do vaporzinho no retorno de São Paulo. Com isso ele tinha aquele verdadeiro pensamento britânico em cumprir a risco os horários, principalmente quando este se

referia a almoço e jantar. Quando demorava estas alimentação, costumava ir à porta da cozinha e cantar bem alto para todo mundo ouvir:

- “ Eu não me acostumo
Com a vida da casa alheia
O almoço serve de janta
E a janta serve de ceia.
E se você for reclamar
A muié promete peia.”

Um dos grandes orgulhos foi ter um filho formado em medicina. Ivo fez faculdade em Salvador na Bahia e sempre guardava a esperança de voltar a terra natal. Seu tonho com idade avançada observava aquilo como grande vantagem em ter um filho médico morando em casa. Após formado, Ivo começa a residência médica em cirurgia vascular e depois outra especialização em São Paulo e sempre cada vez estudando mais. Seu tonho não se contém com a demora de Ivo e pergunta:

- “ Ivo, meu filho, porquê você estuda tanto? Até parece que quer saber mais do que os outros.”

Sempre gostou de estar rodeado de parentes e amigo conversando. Quando notava que alguém não estava participando do papo ele vinha com essa:

- “Meu amigo venha prá cá prá sociedade.”

Fanático por hora, quando o governo começou a instituir o horário de verão foi um Deus nos acuda para toda a nação sertaneja. Tornava-se difícil explicar quando alguém vinha perguntar as horas . Seu tonho já respondia na ponta da língua:

- “Na véia ou na nova?”

Todo sábado, eu e o primo Wilson, acompanhávamos seu tonho na feira de Brejo Santo. Certa vez ao passarmos em frente ao supermercado fomos surpreendidos pelo seu proprietário, Seu Quinco Nicodemos, que pergunta quem são aqueles garotos. Seu tonho se dirige apontando para mim e diz:

- “Esse é Eusébio, o neto mais velho do meu terceiro casamento. Ele

vai ser muito forte pois juntou duas pedras: rocha do pai e piçarra da mãe.

Com o passar do tempo começa a apresentar as limitações e nem a velhice impediu de fazer brincadeiras com a própria pessoa. Quando precisava andar mais rápido vinha com essa:

- “Carreira de velho é como xôto, só levanta poeira na queda.”

Quando do seu primeiro internamento, apresentou um quadro de diarreia intensa. Foi hospitalizado na cidade de Brejo Santo para hidratação venosa. Iderval chega de São Paulo e Antônio já recebe dizendo:

- “Meu filho, velho é como panela de barro, se acaba pelo fundo”

Quando estava em roda de amigos contando histórias, para encerrar ele falava ironicamente;

- “Tem dois tempos para o homem mentir: o velho na sua terra e o novo nas terras alheias.”

Ou então está brincando com a morte; fato corriqueiro:

- “Morrer é ruim, ficar velho não presta.”

CAPÍTULO XXV
(DIA-A-DIA)

Com o passar dos anos, a maturidade e a experiência depois da saga do cangaço, Antônio da Piçarra se torna uma pessoa bastante metódica e pacata em sua fazenda.

Costumava manter um padrão de vida constante e detestava mudar algum item de sua rotina. Independente de estar só ou com visitas em sua residência, era categórico em manter seu estilo de vida.

Acordava sempre muito cedo, quatro horas da madrugada já estava de pé, rezava como todo bom nordestino e ia para o curral, fazer a ordenha da vaca, tomava a espuma do leite de sua vaca preferida, na medida do possível acompanhado do velho e bom conhaque. Ligava o rádio na Estação Sociedade da Bahia AM, em Salvador, para ouvir as primeiras notícias e um forrózinho do rei do baião Luís Gonzaga. As seis horas tomava o café e voltava ao curral para separar os bezerros das vacas e levá-los para a pastagem, geralmente nas vazantes da Piçarra velha.

Na volta passava nas roças para ver os trabalhadores e a plantação, geralmente feijão e milho, praticava a agricultura de subsistência. Voltava sempre conversando de casa em casa. As onze horas pedia o almoço e não aceitava um minuto de atraso. Para tanto tinha o seu verso na ponta da língua:

- “Vixe Maria, não me acostumo

Com a comida da casa alheia.

O almoço serve de janta

E a janta serve de ceia!”

Depois do almoço ia assistir ao programa do radialista Antônio Vicelmo na Rádio Educadora do Crato. Programa noticiário do Cariri sempre ao meio-dia com boa audiência em todo a região sul do Ceará. Várias vezes esteve ao vivo sendo entrevistado pôr esse repórter. Vicelmo foi um estudioso, interessado e profundo conhecedor das histórias de Lampião e do Padre Cícero do Juazeiro do Norte.

Sempre muito controlado, nunca foi do gênero gastador. Possuía um método simples e muito eficiente de correr com os vendedores insistente, daqueles que não desgrudam o pé e difícil de despachar.

Depois de todos os argumentos não surtirem efeito e o vendedor ainda continuar com tentativas de vender o seu produto seu Antônio da Piçarra vem com essa:

- “Tá bom cabra, eu compro só que com uma condição. Eu pago a você de duas vezes: A primeira eu pago quando eu morrer e a outra

metade eu mando de lá.”

Depois dessa o vendedor arruma a sua mala e vai para outras moradias observando que o homem era duro na queda.

Depois um cochilo na cadeira de balanço na sala era de praxe. Às quatorze horas mandava pegar seu cavalo “pavoroso” e poucas horas após ia trazer as vacas leiteiras para o curral, já na Piçarra nova.

Às dezoito horas era o horário do jantar. Sempre fazia oração e não admitia ninguém sentar á mesa sem camisa; hábito que aprendera na viagem para São Paulo, de navio. Nesta viagem, às refeições, era obrigado o uso de terno. Fato que gravou e mantinha como regra em sua morada. Quantas vezes fui obrigado a levantar-me da mesa para colocar camisa.....

Vinha um dos momentos mais marcantes: sentar no velho banco no alpendre da casa e esperar a chegada do “vento aracati” que vinha lá do litoral norte do estado cearense chegando no final da tarde no sertão. Banco este que Lampião sentou-se e era lembrado com muito orgulho.

Às vinte horas, horário do sono. Antes do sono tinha suas rezas. Católico convicto e o seu santo não poderia deixar de ser o seu xará Santo Antônio.

Rezador confesso. Rezava uma hora ao levantar pela manhã e trinta minutos, às dezoito horas, isso todo dia. Tirava as novenas no mês de maio. Também tinha o costume de sempre, ao passar pelo cemitério da Piçarra, parava para rezar. Até o cavalo já sabia através do hábito, ao passar em frente ao cemitério já parava, mesmo sem receber a ordem.

Nestes tempos a fazenda Piçarra era mais primitiva. Não existia energia elétrica, com isso não tinha televisão e telefone. O horário da noite era para as conversas e onde Antônio da Piçarra contava essas e as demais histórias.

Não deixava também de suas crendices, uma delas era a da lua nova. Acreditava que quando viesse a lua nova a pessoa que tivesse com dinheiro no bolso, dinheiro não faltaria. Também tinha a oração pra lua nova:

- “Minha santa lua nova
meu divino São Vicente
quando for e quando vier
me traga dessa semente.”

Repetia-se esta estrofe pôr três vezes no primeiro dia em que a lua nova aparecesse e seria atendido.

Ainda em relação à lua, ele gostava de ver a posição dela. Na sua

experiência, no tempo em que começava o inverno, dependendo da posição em que a lua estivesse, ele sabia se o inverno ia ser bom ou não.

Ao sair de casa ou na despedida de algum visitante em sua residência tinha a oração das “chagas abertas, “ que ao rezar esta jaculatória protegia a viagem dos que partiam:

- “Chagas abertas,
Coração ferido
Sangue de Cristo
Entre eu e o perigo.”

Existia também a oração quando via a vaca com ferimento infectado que é conhecida como a “bicheira”. Ele colocava o animal para caminhar de dois a três passos, pega uma pedra e coloca virada na marca deixada pelo animal cobrindo o local deixado. Depois deste ritual fazia uma oração só que esta ele nunca ensinava, pois dizia a credence que se esta oração ficasse muito popular ela perderia o valor.

Gostava de fazer paródias das músicas. Quando nasceu um neto do amigo e morador José Preto ele faz uma adaptação da música “mulher rendeira “.

- “O nego véi Zé Preto
deve ter muita alegria
porque tem um neto branco
que se chama Jeremias.”

Tradição era sempre para ser mantida. No dia de conhecer o seu primeiro trineto, aconteceu um fato interessante. Este foi o Jorge Alberto, nascido em Fortaleza em 11 de maio de 84, filho de Emanuel Carlos e Celma Fernandes; neto de Volnília Gonzaga e do Desembargador Carlos Demóstenes. Bisneto de Junília Teixeira e Wolney Gonzaga.

Este fato aconteceu no alpendre da casa da Piçarra sentados no banco tradicional e que hoje representa como se fosse o brasão da família. Sentado neste banco Antônio da Piçarra, Volnília (neto); Emanuel Carlos (bisneto), segurando Jorge Alberto (trineto). Emanuel tenta passar o filho para seu Antônio receber e pousar para foto. Foi quando seu Antônio retruca:

- “Não se pode quebrar uma tradição. Emanuel, entregue a criança para Valnília.”

Volnília recebe Jorge Alberto das mãos de Emanuel e seu Antônio diz a frase que aprendeu com seus antepassados:

- “Minha neta, me dê cá teu neto.”

Assim Antônio abraça o seu trineto, prepara para várias fotografias e mais uma tradição é mantida.

Sempre muito brincalhão, certa vez estavam em sua fazenda um grupo de ciganos passando alguns dias . Em um final de tarde chega a sua porta uma cigana das mais experientes se oferecendo para ler sua mão.

- “Coronel deixa eu ler sua mão para eu fechar o seu corpo?”

Ele riu e disse:

- “Fecha mesmo cigana velha?”

Ela fez suas orações e confirmou que o corpo de Antônio estava fechado. Antônio brincou e pediu que a cigana confirmasse mesmo o que disse.

- “Seu corpo está todo fechado. Pode ter certeza.”

Nessa hora Antônio da Piçarra solta um “vento” daqueles bem alto e grita.

- “Tá vendo cigana, meu corpo ainda está aberto.”



GOVERNO DO CEARÁ

SECRETARIA

L. S. S.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ,

DECRETAM que o cidadão Antonio Valente Costa seja nomeado para exercer as funções de Diretor de Defesa de Saúde no município de Fortaleza.

DADO EM GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, EM 11 DE MARÇO DE 1950.

[Signature]
Guilherme Duarte Jolin

[Faint handwritten notes and stamps in the bottom left corner]

1000000

DEFINIÇÃO que dá sobre: quarta e m (41) do livro de Compro-
missos, perante o Tmo. Sr. Dr. J. de Direito de Comarca, scriptor de-
se e governador legal e cidadão Antonio Teixeira -aim. O referido
é verídica. Deu D. Sr. Manoel Inacio Torres, Escrivão Publicista e Ca-
tilog. 21, 22 de Maio de 1935.

Brasão de Armas, 20 de Maio de 1935

Antonio Teixeira
Functo substituto, em impedimento de signature de 14
de Maio.

Libro de compromissos nº 2 de fol. 41.



CAPÍTULO XXVI
(TERCEIRO MATRIMÔNIO)

O terceiro e último casamento foi com Dona Ernestina Gerônimo de Sousa. Antônio da Piçarra tinha então quarenta anos e Ernestina na sua mocidade tinha apenas vinte, sendo mais nova que Junília e pouco mais velha que Lulu (filhos do primeiro casamento).

Ernestina era filha de um amigo e compadre de Antônio. Descendente de portugueses, seu pai era seu Manuel Zuza Ferraz, chegado na região vindo da cidade de floresta no vizinho Pernambuco e adquire a fazenda Bálsamos, vizinho à Piçarra. Manoel Zuza era casado com dona Honorina Jerônimo, a mesma era uma mestiça de árabe com índios nativos. A Família possuía laços parentescos com José Saturnino, inimigo número um de Virgulino Ferreira, o Lampião.

Seu Zuza tinha uma particularidade do seu local de nascimento: seu parto ocorreu a bordo de um navio. Nasceu quando seus pais viajavam na mudança das terras portuguesas para o Brasil, porém foi registrado já como brasileiro.

Família grande, Manuel Zuza e Honorina possuíam onze filhos e desde cedo ensinavam a arte de fazer arreios para animal e treinar cavalos para o trabalho com o gado. Eram muito inteligentes e demonstravam também serem muito valentes. Sempre muito envergonhado não tinham muito contato com os vizinhos, também eram muito preconceituosos e guardavam os costumes de sua terra de origem.

E é nesse clima que Antônio começa a namorar com Ernestina, escondidos, com medo da reação dos pais e irmãos. Eles não aceitavam nenhuma amizade entre ambos, principalmente um romance.

Antônio casou a primeira vez pôr decisão do seu pai, o segundo casamento foi ordem de sua mãe dona Vicência e o terceiro matrimônio ele queria decidir sozinho sobre sua escolha.

Além da diferença de vinte anos de idade, Antônio também tinha um nível sócio-econômico muito mais elevado que a família de Manuel Zuza, este sendo outro impedimento para o namoro. Com tantas adversidade Antônio resolve roubar Ernestina da família. Com muito jeito chega na fazenda Bálsamos e leva Ernestina para a Piçarra sem serem notados trazendo a amada na garupa do cavalo. A revolta é grande. A família Ferraz se reúne e prepara os três irmãos mais valentes para irem atrás de Antônio com a finalidade de matá-lo para honrar a desfeita.

A emboscada se dá em uma tarde de domingo quando Antônio volta da feira na cidade de Macapá (hoje Jati). Esta abordagem se dá próximo a fazenda beleza, muitos tiros, porém sem mortes, ferido apenas o cavalo de Antônio. Os cunhados estavam armados apenas de cacetetes de madeira.

Antônio estava com um revolver HO cromado muito bonito, mas que pôr

sua felicidade, naquele dia falhou não matando ninguém.

Manuel Zuza muito preocupado e principalmente muito envergonhado demonstrando muito desgosto reúne a família, comunica o fato e a decisão de vender a fazenda e ir embora. Assim voltaram para o Pernambuco e só volta para ver a filha Ernestina mais de vinte anos depois.

Esse casamento dura cinquenta anos. Na reconstrução da vida social, econômica e financeira Antônio sempre colocava a presença de Ernestina como um verdadeiro baluarte que com muita visão, garra e trabalho ajudou-o em todos os sentidos.

Sempre que perguntado o porquê de viver tanto, Antônio respondia o segredo da sua grande longevidade:

- “ Não tomar o sereno da noite e não perder o sereno da manhã.” – Sabiamente Antônio respondia.

Isto significava apenas o fato de dormir e acordar cedo deixa o homem mais disposto para enfrentar o dia-a-dia. Além disso também sempre dizia:

- “É importante para se viver muito é bom vocês não beber, não fumar, não dever e ver os filhos serem encaminhados na vida sem depender dos pais, se tornando independentes. É muito importante também ter sempre consigo sua mulher amada para dividir as alegrias, as tristezas e os prazeres da natureza.”

Tudo isso dava o prazer e a alegria de viver. Após a terceira viuvez em treze de dezembro de 1986, quando perde dona Ernestina, foi que Antônio da Piçarra começa a apresentar os primeiros problemas de saúde, isso aos noventa e dois anos de idade. Com a falta de dona Ernestina apareciam os momentos de tristeza e saudades.

Ivo Teixeira lembra que o primeiro internamento só aconteceu em março de 1987, dois anos após a morte da terceira esposa. Dona Ernestina foi a única mulher que Antônio da Piçarra brigou para possuir e dizia:

- “ Valeu a pena, Ernestina me deu oito filhos, ajudou a criar, educar e sempre os incentivou nos estudos, dizendo que a formatura e os conhecimentos eram a maior herança que os pais podiam deixar para os filhos.”

Mesmo sentindo muita saudade, Antônio da Piçarra era muito ligado e carinhoso com os filhos. Mandou-os para estudar em outros centros maiores e mais distantes, onde tinha melhores colégios como Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha (todos no Ceará) e Salvador no estado na Bahia. Ivo Teixeira ainda lembra que Antônio teve a alegria de ver seis filhos concluindo o nível superior.



ESTADO DE CIVIL
REGISTRO E INSCRIPCIÓN DE BIENES RAÍZ
CARTORIO NICODÉJON

EN EL PUEBLO DE SAN JUAN DE LOS RÍOS, PROVINCIA DE MATanzas
MATanzas, CUBA

Handwritten notes and signatures in the top right corner.

Padre: **Procedencia de Arago**
OFICIAL DE REGISTRO CIVIL

Procurador General de Justicia: **Francisco**
OFICIAL DE REGISTRO CIVIL

CERTIDAD DE CASAMENTO

CERTIFICADO que en la fecha de **2008** en el tomo **162** de **11** y en la p. **12** de **1311** se inscribió el matrimonio de **ANTONIO ESCOBARCA ARIAS** con **EMERENCIJA CROQUIA DE ROSA** celebrado en la fecha de **14 de abril de 1975** concurriendo para tal fin los Procuradores **Francisco** y **José Antonio** de **San Juan de los Ríos, Matanzas, Matanzas, concurriendo para tal fin, ...**
En **ANTONIO ESCOBARCA ARIAS** nacido en **Perico** el **12 de abril de 1940** prescindiendo de **matrimonio** existente en **San Juan de los Ríos, Matanzas, concurriendo para tal fin, ...**
En **EMERENCIJA CROQUIA DE ROSA** nacida en **Perico** el **08 de febrero de 1947** prescindiendo de **matrimonio** existente en **San Juan de los Ríos, Matanzas, concurriendo para tal fin, ...**

EMERENCIJA CROQUIA DE ROSA

Forma apostada en documentos expedidos por el 189 de notarios 1 a 19 de Código Civil Español, según el reglamento de notariado de notario de base el artículo 8 artículo 18.

Observaciones: **EN LA FECHA**



Handwritten signatures and stamps at the bottom of the document.

CAPÍTULO XXVII
(EXPERIÊNCIAS)

○ que os serviços de meteorologia tentam fazer hoje, após investimentos altíssimos em equipamentos, o sertanejo já fazia a muito tempo de acordo com suas experiências e perspicácia com um grande número de acerto.

Antônio da Piçarra se destacou na sua região como uma pessoa que era “bom de palpite”, aquele que sempre acertava as épocas de chuva como também as estiagens que entristecia todo o sertão fazendo acontecer o famoso êxodo rural quando o nordestino não tendo outra saída, viaja para São Paulo atrás de emprego inchando a metrópole e desertificando o sertão de seus homens.

Ele sabia a importância das fases da lua e para isso tinha um ditado que sempre acertava:

- “A lua nova virada para o norte, chuva nem pôr sorte.”

A lua nova tinha que estar equilibrada ou virada para o sul. Já se a lua fazia um grande círculo poderia esperar era muito trovão que pouca água viria.

Tinham tantas outras experiências que sempre deveriam ser observados: o tipo de formação das nuvens, as florações de algumas plantas nativas e o tipo de cantar de alguns pássaros silvestres. Tudo isso levava a crença de um bom inverno e o sinal de começar a preparar o terreno para a plantação na primeira chuva.

Quando o pássaro acauã cantava em uma árvore verde era sinal de um inverno bom, porém se ele cantava em uma árvore seca ou morta, era inverno ruim ou morte de alguém pôr perto.

As formigas também eram parceiras e ensinavam muito. O movimento delas deveria sempre ser investigado: quando estavam armazenando alimento sabia que ia demorar a chover, quando elas começavam a colocar os restos do depósito para fora era sinal que iria cair muita água.

A construção da casa do pássaro João de barro é outra ciência, deveria ser observada para que lado estava virado a entrada. As abelhas também mostravam os sinais de chuva ao fazerem suas casas, quanto mais baixo estivessem, menos chuvas iria ter naquele ano porque não teria enchentes para carregá-la, quanto mais alto estivesse era sinal que iria chover abundantemente.

Existem também as árvores, como a floração do mandacarú no sertão e quando o umbuzeiro começa a ficar mais verde é sinal de inundação que

está para chegar.

E como diria o poeta maranhense João do Vale:

- “São segredos que o sertanejo sabe, e não teve o prazer de aprender a ler, ao se alfabetizar.”

O médico e escritor Napoleão Tavares Neves escreveu em dez de dezembro de 1984 o artigo “A Forte voz da experiência na faculdade da vida” mostrando a criatividade de Antônio Teixeira Leite que relatava o seguinte fato ilustrando ainda mais este capítulo:

“Médicos Veterinários de Brejo Santo há poucos dias me falaram de um fato que lhes causou muita surpresa e admiração: indo operar um cavalo na Fazenda Piçarra não conseguiram fazê-lo porque quatro homens jovens e fortes não conseguiram imobilizar o bravo animal para o ato cirúrgico.

No meio de toda aquela luta infrutífera o patriarca Antônio da Piçarra, de 89 anos, pediu que soltassem o cavalo que ele daria um jeito.

Assim fizeram os jovens técnicos da Medicina Veterinária. Ato contínuo o forte sertanejo já nonagenário tomou uma pequena corda da caroá e um pedaço de vara de cerca, torceu o lábio superior do enfurecido animal e o dominou totalmente, possibilitando a operação que não teria sido feita sem sua intervenção!

Mais uma vez aí falou a voz da experiência que as universidades não ensinam e que só a vivência da vida prática pode ensinar.

No sertão a anestesia para domar qualquer cavalo bravo é esta usada pôr Antônio da Piçarra torcer com corda e um pedaço de vara o lábio superior do animal, quebrando-lhe as forças pôr mecanismos empíricos, mas que funcionam na prática e resolvem mesmo as emergências. Desde menino que vi muito isto ser feito pêlos experimentados vaqueiros de meu pai e meu avô: José Felix, José Izidio e José Cabral, todos muito hábeis em tais manobras que as faculdades não ensinam com toda a sua sapiência, mais que a vida prática dita direitinho no dia-a-dia da vida sertaneja, nas labutas da fazenda.

É a voz na experiência falando mais alto que a ciência. Quem tem oitenta e nove anos de vida tem mesmo o que ensinar aos mais jovens, coisas que os livros não traz, mas a experiência ensina como ninguém.

Todo homem idoso e lúcido é um tratado vivo da vida, prateleira de experiência que só o tempo consegue juntar.”

CAPÍTULO XXVIII
(NOME DE RUA)

Seu Antônio recebeu diversas homenagens durante a vida e também “pós-mortem”. Uma delas foi a denominação de uma rua em Fortaleza, capital do Ceará, mesmo sendo um local em que pouco participou em sua vida laborativa.

Através de um projeto de lei de número 245/95 de 12 de julho de 1995 foi apresentado na sala de sessões da Câmara Municipal e aprovado pôr unanimidade, projeto de autoria da vereadora Magaly Marques, da agremiação partidária do PMDB, que decretava como de artéria de Fortaleza o nome de Antônio Teixeira Leite.

Em 11 de setembro também do ano de 1995 foi aprovado pelo então Prefeito interino Luiz Bezerra Átila de Holanda Bezerra e cria uma lei de número 7764/95. O então Vereador Luiz Átila no momento era presidente da Câmara Municipal e estava substituindo o Prefeito Municipal Antônio Elbano Cambraia.

Esta Lei foi publicada no Diário Oficial do Município de Fortaleza de número 10.697 do dia 22 de setembro de 1995 ficando registrado oficialmente no principal documento municipal.

Em 1998, já na gestão do prefeito Juracy Vieira de Magalhães, no dia 23 de abril enviamos ofício que possuía número de protocolo 9715/98 direcionado a Secretaria Executiva Regional IV solicitando a escolha da referida rua em um bairro da grande Parangaba. No dia 22 de maio de 1998 recebemos carta resposta de número 021/98 informando que foi escolhido uma rua no Bairro da Serrinha. Antigamente conhecida como “rua onze horas”, que cruza a avenida Dedé Brasil (antiga avenida Paranjana) e termina na nova avenida do aeroporto, a avenida Senador Carlos Jereissati na zona sul de Fortaleza.

Possuindo cerca de sete quarteirões, apesar de ser uma área residencial, nesta rua podem ser observados dois colégios particulares, gráficas, construtoras, pontos comerciais e igrejas. O número do CEP (código de endereço postal) é 60.742-810

Esta região possui sua importância pôr ligar o bairro de Parangaba ao bairro de Messejana. Dois bairros antigos, tradicionais e de grande movimentação pôr seu caráter de grande área comercial, além da importância de ser entrada da cidade de quem vem do cariri e do sertão.

Os descendentes de Antônio da Piçarra ficam gratos à capital do estado do Ceará pôr reconhecer a importância deste homem para todo o estado,

sua vida e seu exemplo fica gravado em placa na rua chamando atenção de quem pôr lá passa.

Hoje já existem movimento no Poder Executivo e nas Câmaras Municipais de várias cidades que estão também preparando sua homenagem “pós-mortem” ao senhor Antônio Teixeira Leite, nosso querido “Seu Tonho” da Piçarra. Como exemplo podemos citar os Municípios de Brejo Santo, Porteiras e Jati (todos no Estado do Ceará) como também pode ser citado o município de Jequié, no Sul do estado da Bahia.

Em seguida mostramos alguns processos, ofícios e recorte de jornais escritos que prestaram esta justa homenagem imortalizando assim seu nome para as futuras gerações.



CÁMARA MUNICIPAL DE FUENLABRADA

IMP 7764 - 22 de febrero de 1985

Sevilla, 22 de febrero de 1985

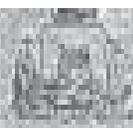
LA CÁMARA MUNICIPAL DE FUENLABRADA DEBIDA A SU DEDICACIÓN A SEGUIR SE

Art. 1º - Para el presente se nombra Teniente Leña con el título de Policía.

Art. 2º - Para los efectos en vigor de esta Ley, ocupará la categoría de Policía.

PALACIO DE AYUNTAMIENTO 22 de febrero de 1985

[Firma]
CÁMARA MUNICIPAL DE FUENLABRADA
PRESIDENTE DE LA CÁMARA MUNICIPAL DE FUENLABRADA



FORTALEZA

DIARIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

Fortaleza, 11 de Setembro de 1944

PODER EXECUTIVO

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

Resolução Legislativa Interseccional Nº 10
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

Resolução Legislativa Interseccional Nº 11
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

Resolução Legislativa Interseccional Nº 12
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

Resolução Legislativa Interseccional Nº 13
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

Resolução Legislativa Interseccional Nº 14
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

Resolução Legislativa Interseccional Nº 15
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.

ANEXO Nº 11 DO ANEXO Nº 102

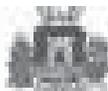
Resolução Legislativa Interseccional Nº 16
de 1944

A COMISSÃO EXECUTIVA DE FORTALEZA, COMPOSTA DE SEUS MEMBROS, EM REUNIÃO DE 11 DE SETEMBRO DE 1944, CONSIDERANDO QUE, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL, DEVE SER CONSIDERADO O INTERESSE PÚBLICO, EM CASOS DE NECESSIDADE, A CRIAÇÃO DE CARGOS DE EMPREGADO PÚBLICO, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO;

RESOLVE, EM 11 DE SETEMBRO DE 1944:

Artigo Primeiro. Criar-se-á o cargo de

1. AGENTE DE SERVIÇOS GERAIS, EM QUANTIA DE CINCO (5) VAGAS, PARA ATENDER A NECESSIDADE DE SERVIÇOS DE INTERESSE PÚBLICO, COM SALÁRIO DE R\$ 1.000,00 (MIL REAIS) ANUAIS, COM VANTAGENS DE SERVIÇOS PÚBLICOS, DE ACORDO COM O ART. 111 DO REGULAMENTO MUNICIPAL.



PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA
SECRETARIA EXECUTIVA REGIONAL IV - SER IV
GERÊNCIA DE RECURSOS URBANOS, TERRITORIAL E MEIO AMBIENTE - GERMA
ASSISTENTE TÉCNICO DE SERVIÇOS URBANOS

CARTA-RESPOSTA Nº 021/08

Fortaleza, 22 de maio de 2008.

Prezado Senhor,

Em atendimento a sua solicitação acerca do processo nº 011508, de data 21/04/08, referente a V.S. que a empresa se refere no 04 documento mencionado 11/05/08, segue para os procedimentos cabíveis.

Atenciosamente,


ROSÂNGELA COSTA
GERENTE DA GERMA


JOSÉ UBALDINO F. DA COSTA
ASSISTENTE TÉCNICO DE SERVIÇOS URBANOS

Atenc.
Dr. Antônio Eduardo Teixeira Rocha,
Nave.

Lista Telefônica

2000

Guia de Fortaleza



Serviços de Utilidade
Pública

Religião

Polícia e Serviços
Civis

Estabelecimentos

Associação de Profissionais

Empresas e Serviços

listel



Consulte a lista Listel no site
www.listel.com.br

CAPÍTULO XXIX
(HOMENAGEM)

O filho Ilton Teixeira após muitos anos morando em São Paulo volta para fixar morada em Brejo Santo, compra a fazenda Barra Bonita vizinha a Piçarra, acompanhando os últimos anos de vida do patriarca.

Para a missa de trinta dias da morte de Antônio da Piçarra, escreveu a leitura para ser lida em forma de oração:

“Hoje, um mês, trinta dias passados justamente, que aqui deixas à gente. Não sabemos como ainda suportar a dor imensa dessa ânsia ferrenha e intensa. De ver-te, ouvir-te, de falar contigo, de ter junto conosco...

Tudo, entanto, é só inquietude, é só tormento e nem sequer pôr um momento esse triste silêncio desaparece e o frio desta dor se aquece.

A solidão que nos envolve, o céu já alcança o silêncio não se cansa de maltratar tanto assim quem te procura. Só pra te abraçar com ternura.

E um mês já faz que tu partiste, e os nossos corações a essa dor, esse vazio, essa soledade que, indiferente a saudade, insiste e teima em ferir-nos mais o peito, de sofrer já quase desfeito.

Mas meu saudoso pai, embora longe, distante, bem sabemos que pôr nenhum instante tu ficaste alheio, surdo e indiferente a esta dor tão inclemente.

Buscando um lenitivo ao nosso vazio, a essa dor a este frio.

Pediste pôr certo em prece a Deus supremo e onipotente, que nos socorreste com sua infinita bondade, qual abrandasse a nossa saudade; e Deus não pode recusar-te o pedido, ou porque um ancião partido, ou porque soubesse que este padecer nos tortura pôr seu querer.

E nos mandou pôr isso a solidariedade dos teus filhos e a lembrança da nossa saudosa mãe que tanto nos preparou para te adorar, ela nos dava esse presente para suavizar o tédio nesta alma doída, soluçante e tão sofrida.

Mas os exemplos deixados nos trouxe a confiança para viver, para lutar e sofrer para amar e para vencer.

Bendito sois portanto, Deus de bondade, de dor e da felicidade. Nos deste a nossa alma cansada e virá trazer um encanto de viver enfim daquela doce lembrança, cujo amor sublimado em pensamento, será maior que firmamento. Mas suave que a flor que o ar, que a santidade. Puro e eterno, porque é saudade!”

Também quando Antônio Teixeira Leite completaria seu centenário, o filho Ilton preparou a leitura para a ação de graças pelo aniversário em doze de abril de 1995:

“Muitos são os projetos dos homens porém os que prevalecem são

designos de Deus.

Assim aconteceu, sonhamos muito em realizar a grande festa pelo século de existência do patriarca da nossa família, entretanto, não foi possível, Deus o levou para junto de si, para que sua festa fosse junto ao pai todo poderoso, pôr isso estou aqui, meu pai, diante da tua memória, com o coração partido de saudade, esmagado pela dura realidade da tua ausência.

Como sou pequeno! Quem sou eu para pedir-te algo ou dizer-te as palavras que mereces!? Se na vida só aprendi a ouvir-te, mesmo para desobedecer-te como quase sempre fiz, certo do teu perdão generoso.

Em verdade meu pai não era preciso eu pedir-te nada. Adivinhavas o que eu queria e sabias o que era melhor para mim, ainda quando me contrariando na aparência mas me beneficiando profundamente na essência.

Estou aqui, meu pai, com os meus irmãos, teus netos e bisnetos. E tu certamente estás junto a minha mãe a quem amaste e respeitaste, acima de qualquer pessoa, a quem fizeste carne de tua carne, como recomenda o apóstolo Paulo, o Apóstolo da fé, da profunda fé que tiveste em vida e que te salvou com certeza.

Lembro a tua humildade, firmeza de caráter e simplicidade. Como me desespera não poder alcançar-te neste maravilhoso exemplo! No entanto, nele é que mais me deslumbro.

Rogo a Deus me dê forças para seguir o caminho de luz que ora vejo ao recordar tua vida.

Pede que ele abençoe os teus filhos, teus genros, tuas noras, teus netos, teus bisnetos, teus tetranetos, teus amigos, todos os que sofrem e precisam.

Pede que ele me faça respeitar as pessoas. Compreender os desvalidos sofredores e excluídos, amar os humildes como o fizeste em vida.

Que Deus esteja contigo.”

CAPÍTULO XXX
(ANOS DE LUTA)

No dia doze de abril de 1985, ao meio-dia, estive no Programa de Antônio Vicelmo na Radio AM Educadora do Crato lendo esta crônica comemorando os noventa anos de vida de “ seu Tonho da Piçarra”. Sabíamos que o mesmo estaria ligado na transmissão, e estava:

“Completar quarenta e cinco anos é difícil, imagine noventa anos. Mas Antônio Teixeira Leite, conhecido como coronel Antônio da Piçarra, residindo na fazenda do mesmo nome a treze quilômetros de Brejo Santo conseguiu, e consegue.

Em uma fazenda, em Brejo Santo ou em qualquer local que esteja, Antônio se destaca como um homem forte e nesses noventa anos pode ser considerado o herói do sertão.

Nascido no dia 12 de abril de 1895, seu Antônio hoje vive cercado pôr seus 9 filhos, quarenta e dois netos, quarenta e sete bisnetos e dois trinets. Fato de inveja para qualquer cidadão de sua época.

Bastante lúcido, Antônio da Piçarra é o seu próprio empregado e patrão; é ele quem acorda às quatro horas; é ele quem cuida dos animais; é ele quem cuida da plantação e pode ser encontrado todos os sábados na cidade de Brejo Santo fazendo sua feira semanal.

Respeitado e conhecido como coiteiro quando amigo de Lampião e também do Padre Cícero, seu Tonho relembra saudosamente e com orgulho o tempo em que viveu. Mas ele não é só conhecido pôr esse fato, também tem um papel importante na história do Cariri, a qual ele viu nascer e desenvolver. Também é conhecido pôr ser homem sério e de decisões.

Pois é vovô Piçarra, esperamos que continue assim: forte, alegre e amigo. E que pôr mais anos continue nos recebendo com aquele sorriso acolhedor, o papo agradável e principalmente a presença companheira.

Acredite na vida, no tempo e em Deus. Nesse momento quem se considera parabenizado não é você, Vovô Piçarra; e sim seus familiares e amigos pôr saberem que você existe e é nosso amigo”.

Escreve o Médico e escritor Napoleão Tavares Neves na cidade de Barbalha, no Ceará, em 1985 o testemunho de como conheceu “ seu Tonho” e o homenageando na passagem dos seus noventa anos através do artigo “ O Rijo Pau d’arco da fazenda Piçarra”:

“No dia doze de abril em curso completou noventa anos bem vividos o cidadão Antônio Teixeira Leite, vulgo Antônio da Piçarra, residente na fazenda Piçarra, à margem do asfalto da BR 116, entre Brejo Santo e Jati.

Antônio é o que se pode chamar de compêndio vivo da história do Cariri, sobretudo na história do cangaço, já que foi amigo pessoal de Lampião, o rei do cangaço nordestino que muitas vezes hospedou em sua residência.

Foi na Piçarra que Lampião passou sua última noite no Ceará antes de fugir para a morte em Sergipe sem poder novamente botar os pés nas terras verdes do Cariri cearense.

Apesar dos seus noventa anos de idade, Antônio ainda trabalha. É muito lúcido, tem excelente memória e fala com desenvoltura sobretudo das coisas do passado que ele recorda com admirável precisão e muita fidelidade à verdade dos fatos.

Sertanejo rijo, forte sadio e sempre jovial, Antônio ainda monta a cavalo e desincumbe muito bem da dura labuta da fazenda causando admiração pôr sua força física e vivacidade mental.

Quando eu era menino no pé da serra de Porteiras. Antônio morava em sítio vizinho ao nosso que, posteriormente foi comprado por seu pai. Com a venda do seu sítio ele passou a residir definitivamente na fazenda Piçarra e certamente os ares amenos e puros do sertão contribuíram decisivamente para sua longevidade, criando numerosa e vitoriosa prole de três casamentos hoje muito bem encaminhados na vida.

Lançando o pensamento no passado, a imagem mais remota que tenho do “Rijo Pau d’arco da Piçarra” foi na festa de Santo Agostinho, Padroeiro do Sítio Saco de Porteiras, eu tinha aproximadamente dez anos de idade e o vi pela primeira vez ajudando a soltar um colorido balão na festiva noite de encerramento do novenário, na capelinha bem próxima de sua residência.

Isto já muito longe no tempo e acontecendo quando ele era ainda jovem e forte, pois já longos quarenta e cinqüenta anos se empilham sobre este fato esquecido na cinza inexorável dos tempos...

Pôr outro lado, quando meus pais se casaram, foi Antônio que, a pedido do meu avô materno, Manuel Tavares Roseno, foi deixar o jovem par, em seu nome, em Jardim no aprazível sítio Belo Horizonte, onde residiram os dois anos de sua vida conjugal que já ultrapassa meio século de firmeza.

Referida viagem foi feita a cavalo pôr sobre a chapada do Araripe após retumbante festa de núpcias nos fins de novembro de 1929. Sobre este fato cinqüenta e quatro anos já se sobrepõe na colossal pirâmide dos dias.

Na verdade a vida é muito célebre e até parece relâmpago ao pé da eternidade”.

Pois bem, isto me deixa muito à vontade para, através desta modesta e despretensiosa crônica, saudar os 90 anos de Antônio, misto de fazendeiro e agricultor que tem saúde, lucidez e vitalidade para ir muito longe ainda na vida contando os “casos” do Cariri de outrora que ele ajudou a estruturar vivendo intensamente, sobretudo nos arredores de Porteiras, Brejo Santo e Jati, palco principal de sua atuação vivencial cheia de lances singulares muitas vezes ombro a ombro com o perigo, no contexto sociológico do fenômeno do cangaceirismo tão cotidiano no Cariri de então.”

CAPÍTULO XXXI
(IMPRESA ESCRITA)

A pesar da maior intimidade sempre ter sido pelo antigo rádio (este era uma paixão antiga que Antônio da Piçarra nunca escondia) sempre foi observado grande facilidade e o enorme prazer em ver sua história contada e escrita (em livro).

Seu Tonho gostava sempre de lembrar fatos ocorridos em que gravava cada data em sua memória, com isso sempre era visitado em sua fazenda pôr jornalistas, repórteres e escritores. Todos ficavam admirados com a riqueza de detalhes e a lucidez daquele senhor que não tinha medo de contar a verdade.

Orgulho e também vaidade era marca registrada nas horas das fotografias, fazia movimentos procurando ser o mais fotogênico possível. Guardava toda a documentação e mostrava aos seus visitantes e parentes próximos.

Podemos citar as seguintes publicações, em livro, que mostraram um pouco da vida de Antônio Teixeira Leite sempre com a preferência pelo o episódio do “ fogo da Piçarra “ e do contato com Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte.

Citamos alguns livros que registaram Antonio da Piçarra relacionado ao assunto Padre Cícero-Lampião:

1 - Lampião, cangaço e nordeste. Autora: Aglae Lima de Oliveira. Editora “O Cruzeiro S. A “1970.

2 - Capitão Virgulino Ferreira Lampião. Autor: Newton Macedo. Editora Leitura S. A 1970.

3 - Lampião, seu tempo e o seu reinado. Autor: Frederico Bezerra Maciel. Editora Petrópolis. 1986.

4 - Padre Cícero e a invenção do Juazeiro. Autor: Alberto Farias 1994. Independente

5 - Lampião e o estado maior do cangaço. Autores: Hilário Lucetti e Magérbio Lucena 1995.

6 - De Virgulino a Lampião. Autores: Vera Ferreira e Antônio Amaury. Editora Idéia Visual 1999

Os jornais podemos citar aqueles que mostraram entrevistas e depoimentos da saga de Lampião:

1 - Itaytera - Crato Ceará

2 - Diário do Nordeste - Fortaleza Ceará

3 - Tribuna do Ceará - Fortaleza Ceará

4 - Jornal de Jequié - Jequié Bahia

Após sua morte seu filho Ilton Teixeira homenageia o patriarca através do artigo “cidadão de Brejo Santo é homenageado pela Câmara Municipal de Fortaleza” em que comenta:

“O saudoso ANTONIO TEIXEIRA LEITE, conhecido e famoso como seu ANTÔNIO DA PIÇARRA, recentemente falecido, quando a família organizava uma grande festa para festejar seus 100 anos de idade, está sendo homenageado pela Câmara Municipal de Fortaleza, em reconhecimento pela sua vida dedicada como historiador no episódio do famoso Lampião, na sua passagem pelo Ceará nos anos 26, 27 e 28, quando o cangaço reinou no Ceará.

Pôr sua lucidez e narrativa dos fatos, ao longo da sua existência sempre foi visitado pôr jornalista de todo o País, a ponto de ser tratado pôr um desses jornalistas como uma verdadeira enciclopédia humana.”

CAPÍTULO XXXII
(SAGADO AUTOR)

Um dia ele nasceu menino lépido, bonito humilde e forte. Nas suas veias corria o sangue da vitória, sua mente trazia a fortaleza e a rigidez da pedra piçarra e o seu caráter foi se formando com a dureza das mais potentes das rochas!!!

E começa sua luta pés no chão. Inicia-se sua infinita guerrilha pela vida.

O meio sertanejo e a agitação da cidade fizeram alicerce para sua vida de conquistas, e lá vem ele “sempre lutando e prosseguindo sua caminhada”.

Seu dom de liderança sempre dominava sua mente, poético sempre crescendo mostrando-nos “a receita de uma nova poesia”, e ele cresceu, venceu!!!

Hoje é médico sempre usando seu espírito com humildade para todos que acompanham sua luta diária!!!

Eusébio que, acima de tudo, você venceu, e hoje, depois de tantas lutas, você mais do que um irmão, um médico, um líder, é acima de tudo um espelho de vida em que nós devemos mirar fielmente!!!

Você hoje desdobra mais um ano da sua existência, mas esta troca de idade não representa simplesmente a mudança de números mas sim a mudança, sempre para melhor de cada lindo dia que você percorre. Saber que somos seus irmãos é coisa que muito nos gratifica.

Você, para cada um de nós, representa a vida!!!

Vá em frente, mano!

Sempre estaremos ao teu lado para o que der e vier!!!

K A E L
Carlos Sérgio Teixeira Rocha
Dezembro de 1988

Editoração

FALKNER SILVA

Fone: (85) 238.1468

Cel.: (85) 9119.3731

E-mail: falknersilva@uol.com.br



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2001 – 2002

Dep. Wellington Landim

Presidente

Dep. Vasques Landim

1º Vice - Presidente

Dep. José Sarto

2º Vice - Presidente

Dep. Marcos Cals

1º Secretário

Dep. Giovanni Sampaio

2º Secretário

Dep. Eudoro Santana

3º Secretário

Dep. Domingos Filho

4º Secretário

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ
INESP**

Presidente
Alberto Teixeira

Montagem e Impressão: Gráfica do INESP
Coordenação: Sidney Aragão
Diagramação: Mário Giffoni
Av. Pontes Vieira 2391
Dionísio Torres Fortaleza Ceará.
E-mail: inesp@al.ce.gov.br
Fone: 277-2915
Fax: (0xx85) 277-2914



home page: www.al.ce.gov.br
e-mail: epovo@al.ce.gov.br



home page: www.al.ce.gov.br/inesp
E-mail: inesp@al.ce.gov.br